PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 27
ANO 3
NOVEMBRO/2021

EDITORIAL

Enquanto todas as outras ciências lutam pela sobrevivência, a crítica literária insiste em abrir mão do seu campo de atuação. Os críticos fazem de tudo para exterminar a crítica, o que parece uma manobra suicida ou, no mínimo, pouco estratégica. Alguns estudiosos afirmam que a obra literária não deve ser interpretada, apenas contemplada. O ato hermenêutico seria uma violência e uma usurpação. Outros entendem que a crítica classifica e emoldura a expressão literária conforme um ponto de vista dominante e, portanto, reduz o julgamento à maior ou menos aproximação deste padrão. Finalmente, há os que consideram a própria disciplina – crítica literária – como um rebotalho de outras tantas: linguagem, história etc. Parece que estão se penitenciando através da mortificação profissional. O que pretendem os críticos, afinal?

Se o texto literário não pode ser investigado em sua estrutura, não pode ser relacionado a outros, não pode ser classificado, não pode ser avaliado com os instrumentos disponíveis, para que existem os programas de estudos literários? É difícil entender como, em meio às lutas pelo poder de dizer, a crítica entregue tão facilmente suas armas e confesse abertamente sua própria incompetência. Se toda a expressão humana pode ter um conteúdo de "literalidade", quem faz literatura pode muito bem prescindir do texto. A grassar esse entendimento, outra não pode ser a conclusão de que o culpado pelo jardim é o jardineiro. Não me assusto com a inversão proposta. Há quem diga que a literatura é uma erva daninha pacientemente cultivada na modernidade. Será? Talvez essa desconstrução nos leve a cultivar pedras. Ou ossos...

Diante desse risível recalque crítico, temos em pé de igualdade todos os textos. Até mesmo as expressões que não são textos. O clã intelectual ultracrítico não percebe que o pensamento da "literalidade" padece do mesmíssimo problema que denunciam: o autoritarismo. Sequestrar textos religiosos, políticos, jurídicos e jornalísticos para fins de escrutínio literário é tão autocrático quanto prescrever uma hierarquia interna. Descontextualizar o grafite, a propaganda do biotônico e as tabuletas de caminhão é tão violento quanto emparelhar textos de diversas tradições literárias. Desse jeito, não se chega a lugar algum. A explicação é simples – quando tudo é arte, nada mais pode ser. A valorização do aleatório é a morte do empenho artístico.

Vejamos a arte do nosso convidado desta edição, Edward Povey. A expressão artística é uma simulação do real, uma deliberada ficção. Valorizar o trabalho agregado do pintor britânico é menosprezar a flauta de sopro feita de ossos? Afirmar que esse realismo-irreal de Povey dialoga com a sedimentada tradição artística ocidental desmerece o colar de conchas do mar? O que distingue uma coisa da outra? Estaremos sendo demasiadamente eurocêntricos ao destacar Povey e ignorar a expressão artística maori? Tudo indica que uma e outra linguagem não só é concebida de forma diversa como divulgada e recebida diferentemente. Por dia diabos há críticos que procuram colocar tudo num mesmo balaio? Não nos parece justo com o artista e também com o povo maori que, aliás, não deve estar nada contente com a usurpação de seus traços ritualísticos em tatuagens e decoração do happening alternativo.

O crítico de arte contemporâneo está assombrado pela culpa. O exercício da crítica passou a ser uma forma de sacrilégio. O profissional lê e avalia quase pedindo desculpas, pedindo licenças, ajeitando-se para sentar e falar. São muitos os melindres, tantos e tais que se tornou mais fácil abdicar do julgamento. Diante do texto literário (e da obra de arte em geral) o melhor não é raciocinar, relacionar, entender e opinar. Essa seria uma atividade colonizadora, ultrapassada, arrogante. O crítico contemporâneo deve manter-se siderado, contemplativo, absorto. Se possível, ajoelhar-se e fazer uma oração para que encontre no transcendental as palavras certas para não ofender ninguém. Que lorota é essa?

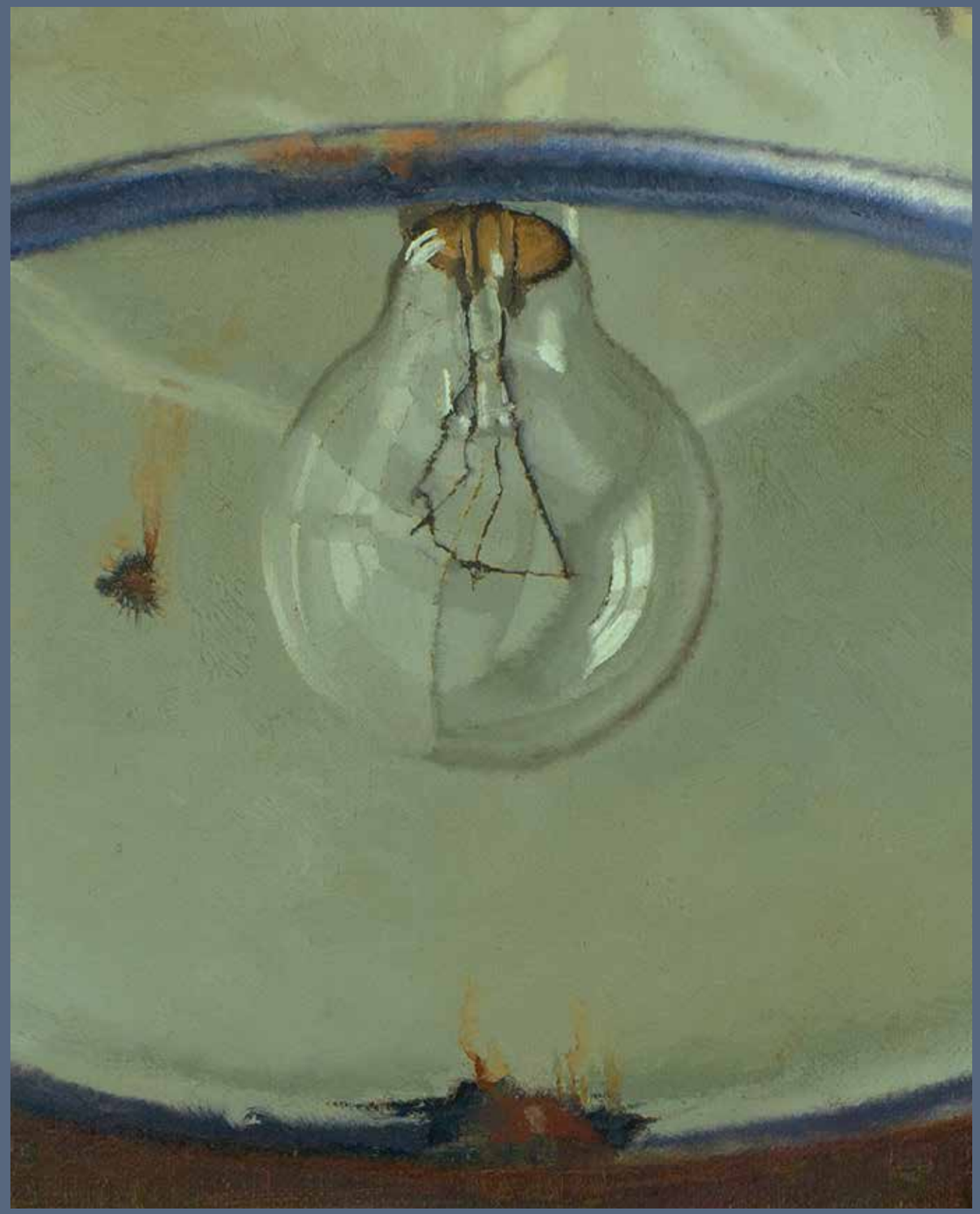
Eduardo Mahon
Editor Geral

SUMÁRIO

2 Editorial
6 Olga Maria Castrillon-Mendes
8 Agnaldo Batista Lima
10 André Siqueira
12 Aparecido Carmo
14 Bruno Oggione
16 Caio Augusto Leite
18 Clark Mangabeira
20 Cristina Campos
24 Dante Gatto
26 Divanize Carbonieri
28 Edson Flávio
32 Eduardo Mahon
34 Felipe Eduardo Lázaro Braga
36 Flávia Ferrari
38 Gabriel de Mattos
42 Helvio Moraes
48 **Eward Povey**
50 James Jorge Barbosa Silva
52 J.J. Garcia
54 José Pedro Rodrigues Gonçalves
56 Karine Padilha
58 Klauss Henrique Santos
62 Lorenzo Falcão
64 Luciene Carvalho
66 Marcelo Labes
68 Marilza Ribeiro
70 Marina Taborelli e Silva
72 Marta Cocco
74 Mateus Elias
76 Odair Morais
78 Pablo Rezende
80 Rubenio Marcelo
82 Santiago Santos
84 Sergio de Carvalho Rodrigues
88 Stefanie Sandê
92 Thiago Costa
94 Walesca Cassundé
96 Maristela Carneiro
98 Anna Maria Ribeiro Costa

EXPEDIENTE

Direção Geral e Edição: Eduardo Mahon
Artista Visual Convidado: Eward Povey
Colaboradores desta edição: Olga Maria Castrillon-Mendes, Agnaldo Batista Lima, André Siqueira, Aparecido Carmo, Bruno Oggione, Caio Augusto Leite, Clark Mangabeira, Cristina Campos, Dante Gatto, Divanize Carbonieri, Edson Flávio, Eduardo Mahon, Felipe Eduardo Lázaro Braga, Flávia Ferrari, Gabriel de Mattos, Helvio Moraes, James Jorge Barbosa Silva, J.J. Garcia, José Pedro Rodrigues Gonçalves, Karine Padilha, Klauss Henrique Santos, Lorenzo Falcão, Luciene Carvalho, Marcelo Labes, Marilza Ribeiro, Marina Taborelli e Silva, Marta Cocco, Mateus Elias, Odair Morais, Pablo Rezende, Rubenio Marcelo, Santiago Santos, Sergio de Carvalho Rodrigues, Stefanie Sande, Thiago Costa, Walesca Cassundé, Maristela Carneiro, Anna Maria Ribeiro Costa.
Projeto Gráfico/Diagramação: Roseli Mendes Carnaíba



NUM PESCAR DE OLHOS

Olga Maria Castrillon-Mendes
É pesquisadora da literatura brasileira. Autora de Taunay viajante: construção imagética de Mato Grosso (Cuiabá: EdUFMT, Cáceres: EdUNEMAT, 2013); Discurso de constituição da fronteira de Mato Grosso, 2017; Matogrossismo: questionamentos em percursos identitários (Carlini & Caniato, 2020) e Letras cacerenses (Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021, em coautoria).

A ARTE É REALIDADE OU TRANSFORMAÇÃO?

Nos dois últimos números da Pixé tenho refletido sobre a capacidade de representação da arte como objeto da crítica ou da estética e a liberdade do artista perante a "realidade". A leitura de **Argumentação contra a morte da arte**, de Ferreira Gullar[1] trouxe-me outros patamares de reflexão, à medida que sua abordagem gira em torno do desaparecimento da arte da representação num mundo cada vez mais preocupado com o efêmero e, ao mesmo tempo, para ele, com a "evolução".

Muitas manifestações estéticas ocorreram depois da escola impressionista, resultando na utilização da arte como mercadoria. Pergunto se o ato de redescobrir (e não desaparecer) é a grande revolução do contemporâneo, ou inibiu-se o juízo crítico? O fato de o objeto artístico ligar-se ao novo, não como permanente ou transitório mas como certa revisita ao passado, diz muito sobre a linguagem artística que dá ao objeto representado o poder de não se perder. A realidade é um incessante transformar-se, muito diferente, por exemplo, da ideia de identidade unívoca. Por outro lado, entre o objeto arte como fruição estética de uma experiência criadora e a sua utilização como mercadoria, onde ficam a contemplação e o resultado das subjetividades?

Romper é preocupação do contemporâneo, no entanto, o novo não é permanente. Há sempre algo do passado. A existência das coisas são questionadas à medida que a prática das imagens representativas do mundo passam pelo olhar do observador. É produto histórico e de certos exercícios, técnicas, instituições e procedimentos de subjetivação. Fruto, portanto, das relações simbólicas de produção.

Como toda arte, a realização do realismo estético expressa-se de forma contraditória e incompleta, em função dos limites histórico-ideológicos e, principalmente, dos movimentos oriundos da sociedade. É, portanto, dialógico e objetivo. Deriva das contradições mundiais, principalmente, considerando a relação de produção literária com os processos de formação dos Estados nacionais, como colocado em texto anterior. Por isso, as obras realistas são inquietantes indagações para além da opressão e injustiças desacomodadoras, como aquelas causadas pela leitura do texto de Gullar. Embora possa ser lido como conservador, ao trazer as noções de subjetividade e espiritualidade da arte, artistas apontam sempre para novas atitudes que podem estar bem distantes da ideia da derrota ou morte.

[1] 3 ed. RJ: Revan, 1993.

Agnaldo Batista de Lima
É mestre em Letras, (Profletras/Unemat, 2019). Escritor, poeta e professor. Nasceu em Mariluz, PR e atualmente vive em Alta Floresta, MT. Autor do livro “Vidas – 60 microcontos para viagem” e “Descalços” – ambos pela Carlini & Caniato Editorial, 2020/2021. Publicou também “Será – poesia em quarentena” pela Gráfica e Editora Correia, 2020.

URGÊNCIAS

sinto
nas entranhas
profundo desejo de pássaro
água que tem sede a raiz
e dar vida a estrada.

almejo
aprumar os ossos
que movem os passos
sem demorar a perna
em queda voraz.

persigo
um sono profundo
que complete a noite
que salve o dia
e me traga o sol.

preciso
me/ninar outra vez
formatar o cérebro
remover o teto
adormecer de lua.

anseio
falecer meus medos
me tornar semente
resistir a terra e...
outra vez morrer.

DEBAIXO DESTE VENTILADOR DE TETO

Pego o celular para anotar o ínfimo
que tanto me fala. Preciso jogar
aqueles textos. Próxima cena:
segreda fulgores que não sei bem.
Demorô. Palpitei e triunfei danoso
nesse continente inextinguível, mais
pro lado sereno dos canais da
paixão. Presságio de perigo. Barganha
serenizada nas páginas destravadas.
Caem voos do imperecível fogo.
Assisto dormente. Aquele sabor
adstringente resvala na cadeira.

André Siqueira
É poeta residente em Jacareí, interior de São Paulo. Colaborou nas revistas Acrobata, Subversa, Mallarmargens, Ruído Manifesto, Gueto, Aboio, entre outras. Publicou de forma independente dois livretos, e em 2020 seu primeiro livro de poesia As Manhãs Fechadas (editora Gataria) foi lançado. Cursou a faculdade de Letras, sem concluir, e participa de eventos, oficinas entre outras loucuras literárias.

FONTE SEGURA

Era um almoço de família (antes da pandemia) e os presentes conversavam sobre amenidades. Dona Cotinha, figura simpática e minúscula em seu metro e meio de altura, conversava com o sobrinho que por azar estava com o celular descarregado.

— Estou te dizendo, recebi a informação de gente confiável. — Assegura Cotinha, levando o copo de cerveja aos lábios — O governo vai confiscar o dinheiro das poupanças novamente.

— Mas tia, não é verdade. Onde a senhora viu isso? – questiona o rapaz de 17 anos, um jovem um tanto magricela e pálido demais para o gosto de Cotinha.

— Deus me dê paciência! – exclamou, gesticulando de modo a chamar a atenção das outras pessoas espalhadas pelo lugar – Deixa eu explicar de novo do começo: estou num grupo de WhatsApp com as pessoas mais importantes da igreja, sabe como é, o padre, os coroinhas, e os irmãos mais ativos na comunidade. E um dos irmãos é sobrinho de uma senhora que trabalha como babá de uma bancária da Caixa. Essa mulher ficou sabendo por essa bancária que o governo mandou fazer um estudo de quanto dinheiro tem nas poupanças para mandar confiscar. Ela mesma mandou o áudio que o irmão Antunes compartilhou aqui no Fortes no Espírito.

— A patroa da tia do seu irmão de igreja? – o garoto não estava gostando nada daquela conversa.

— Isso mesmo, fonte segura.

— Mas se ainda fosse uma gerente...

— Mas se ela está sabendo é porque algum superior contou. O que importa é que se chegou até mim no Fortes no Espírito, é notícia confiável.

— Fortes no Espírito?

— Sim, o grupo do WhatsApp da Igreja que te falei. – A velha já começava a perder a paciência.

— Mas tia, isso é mentira. Uma coisa dessas não aconteceria de novo nunca. E se acontecesse ia aparecer em todo lugar, internet, canais de TV, sites de notícias e não só no grupo de WhatsApp da sua igreja.

— Você quer dizer que eu estou mentindo, que o irmão Antunes está mentindo, que a tia dele está mentindo, que uma bancária da Caixa Econômica Federal está mentindo? Você é que é ingênuo demais, acredita em tudo o que a imprensa lixo diz na TV! Eles é que mentem para enganar as pessoas. – Esbravejou com o dedo quase tocando o nariz do rapaz.

— Eu não estou dizendo que senhora está mentido, tia. Só que essa história não tem pé nem cabeça.

— Pois não te conto mais nada. Deixa o seu dinheiro lá, parado, só esperando os engravatados enfiarem ele todinho no bolso. Depois não diga que não te avisei.

E saiu em direção a uma outra rodinha de pessoas que, ela imaginava, seria mais receptiva às novidades.

Aparecido Carmo
Natural de Cuiabá, é jornalista e estudante de mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea na UFMT. É coautor do livro “O obituário no jornalismo” ao lado de Paulo da Rocha Dias.

ruínas tão granuladas quanto
rodar uma ilusão na
morte

e que deixa sua força
comum
no sonho mínimo
da exaltação

mãos imprescindíveis / vazio
dos renascimentos que se formam
latentes

o canto do mundo no mar
– amor: profundeza lisa
algumas praias
nudez rara e epifânica uma união
incerta uma lua
seguro uma palavra
ao vento

num relâmpago os gritos atrás dos astros

o cheiro da terra

Bruno Oggione
Nasceu em 1990 na cidade do Rio de Janeiro. É graduado em Letras (UERJ), mestre em Literatura Portuguesa (UERJ) e doutorando em Literatura Portuguesa (UERJ). Autor dos livros Mãos de Ninguém (pequenas astúcias) (Editora Morandi) e Velas pandas, andas... – Ode Marítima e Os Lusíadas (Folio Digital). Tem trabalhos publicados nas revistas Mallarmargens, Aboio, Ruído Manifesto, Torquato e Tamarina.

as mãos vazias de sonho
acordam
as mão vadias
tocam qualquer corpo
a prisão do gozo
o pesadelo líquido de treva
aquela coisa que machuca
rosa enfiada no peito até o talo
embelezando a lapela da carne
como tirá-la sem dor
o amor - como as rosas - murcha
vai-se a corola do terno
fica o espinho invisível
lá dentro roendo queimando
a alegria semeada em caule
em cacto transformada
na temperatura extrema do deserto
a textura inexata de um calmo inferno.

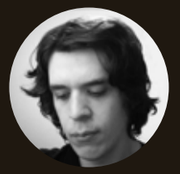
na escola o amor metonímico
braços de um pernas de outros
nunca o todo no corpo adolescente
e ainda sem proporção

boca de um, nome de outro
voz de um, olhos de tantos

nas aulas de educação
física os calções suaves
permitiam visões cavadas

cravado no peito um
sentimento de posse
mas sem que fosse

cheiro de outro, suor de um
medo de todos
beijo de nenhum



Caio Augusto Leite
Nasceu em São Paulo em 1993. Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP) com dissertação sobre *A Paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector. Integrou o Printemps Littéraire Brésilien 2018, na França e na Bélgica, a convite da Universidade Sorbonne. Teve textos publicados nas revistas digitais *escamandro, A Bacana, mallarmargens, Vício velho, Lavoura, Subversa, Literatura & Fechadura* e *Alagunas* É autor dos livros *Samba no escuro* (Scortecci, 2013), *A repetição dos pães* (7Letras, 2017) e *Terra trêmula* (Caiaponte, 2020), além de colunista da revista digital *Ruído Manifesto.*

O GRILO

tinha um grilo verde no teclado. ele chegou de repente, pulando pra dentro do quarto pela janela escancarada de céu azul. era verde mesmo e repousava sobre a letra m sem qualquer cerimônia. nunca soube quantas asas um grilo tem, nem quantas patas, mas são sinal de boa esperança ou de qualquer outra coisa boa. não sei o que ele fazia na letra m – nem o porquê de não ter escolhido outra letra. então ele me olhou. também não sei quantos olhos os grilos têm, porém sei que eles me fitavam. e me fizeram lembrar da primeira vez que dormi com alguém. eles me olhavam e eu ia lembrando. uma última conversa que não sabia ser a última, os amigos na penúltima roda de violão. a bebida vagabunda que nunca mais encontrei pra vender e que só eu sabia que era boa. o grilo me olhava e fazia o favor de dizer coisas. com os olhos. quantos quer que fossem. mostrou uma viagem pra araruama milênios atrás, o doce de cupuaçu da minha avó, o câncer metástico do meu pai (e ele agonizando sozinho na uti), o parkinson do meu avô e uma enxada que tinha cabo envernizado encostada numa laranjeira sem flor de um sítio que já tivemos. ele também me mostrou o céu lilás do ácido que eu tomava quando moleque, tudo muito íntimo, muito meu, agora muito nosso. não faço ideia de como ele sabia tudo, não sei como ele me enxergava pra além dos olhos, mas estava lá: em cima do m, pequenino, olhando, me lembrando. lembrando a primeira maconha escondida da minha mãe, ela que é sempre tão preocupada. o primeiro beijo no rapaz dos meus sonhos pra sempre. o último beijo no mesmo rapaz dos meus sonhos, pra sempre. ele olhava e eu sabia que ele sabia. sabíamos que era nosso. intimidade não tem pressa, não tem hora, e pela casa nosso silêncio até que

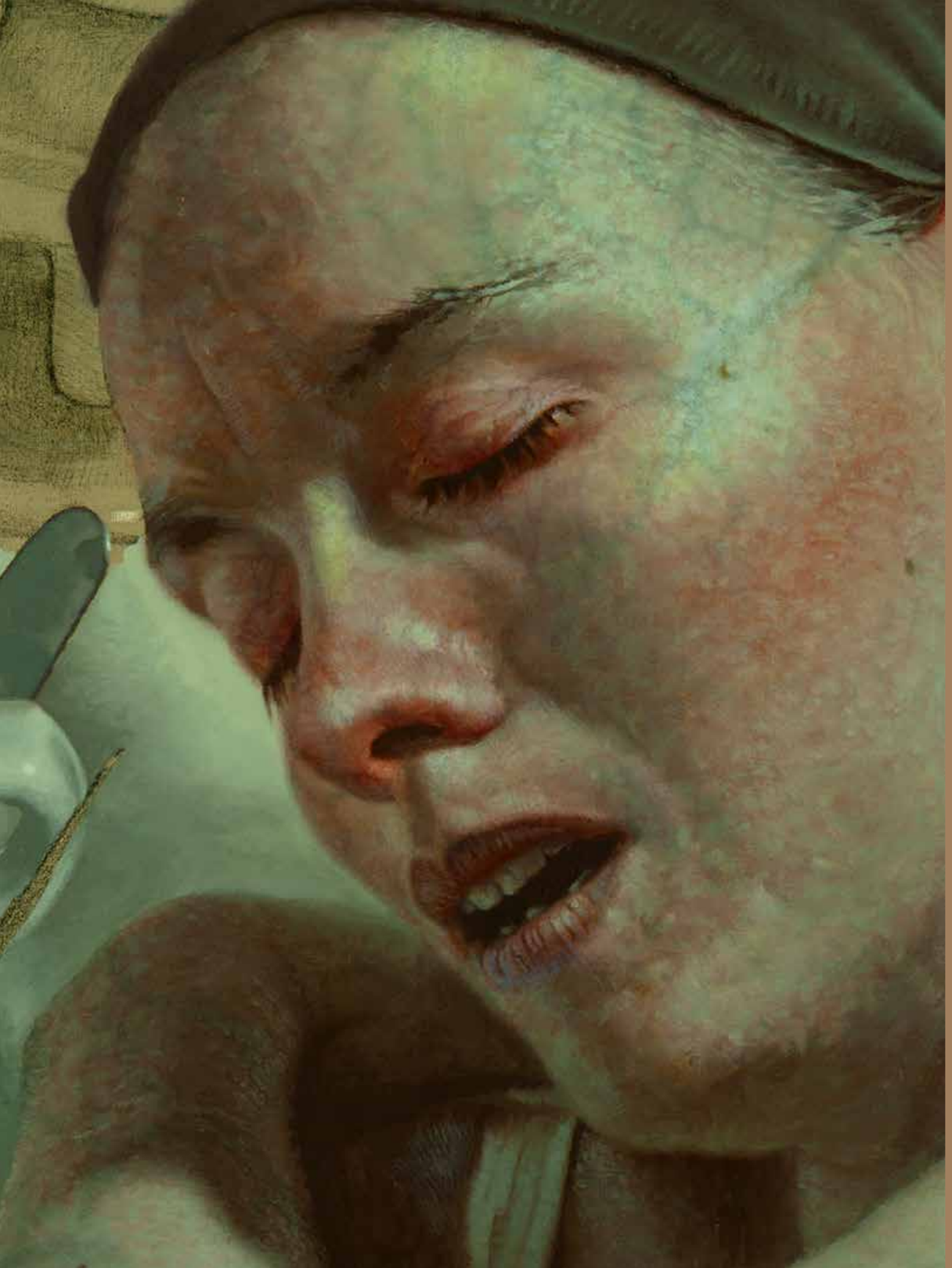
– paiiiiiiiiiii, acabeiiiiiiiiiii!

antes de ir limpar a urgência daquele outro também tão meu, o grilo resolveu ir embora.

uma pena.

nunca mais consegui dizer adeus.

Clark Mangabeira
Carioca cuiabano, é doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ e professor adjunto de Antropologia da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Graduado em Direito, Letras e Ciências Sociais, é escritor de ficção, tendo publicado contos e poemas em diversas revistas literárias e acadêmicas, e escreve enredos das Escolas de Samba do Rio de Janeiro.



Cristina Campos
É doutora em Educação (USP, 2007); mestra em Educação (UFMT, 1999); especialista em Língua Portuguesa (UFMT, 1989), Semiótica (UFMT, 1995) e Semiótica da Cultura (UFMT, 1996). Professora aposentada de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, pelo IFMT – Campus Cuiabá. Ocupa a Cadeira 16 na Academia Mato-grossense de Letras. É autora das seguintes obras: *Pantanal mato-grossense: o semantismo das águas profundas* (Cuiabá: Entrelinhas, 2004), *Conferência no Cerrado* (Tanta Tinta, 2008), *Manoel de Barros: o demiurgo das terras encharcadas* (Carlini & Caniato, 2010), *O falar cuiabano* (Carlini & Caniato, 2014), *Bicho-grilo* (Carlini & Caniato, 2016) e *Papo cabeça de criança travessa* (Tanta Tinta, 2017).

MAS QUE MERDA!

Na década de 1960, o Coxipó da Ponte era um distrito rural de Cuiabá. Distava do centro da cidade cerca de 8 km, cobertos por uma extensa e magnífica mata de Cerrado alto cortada por um varador, a rua Barão do Rio Branco, que virou avenida Fernando Correa. Uma das poucas construções nesse trajeto era o Centro de Treinamento – local aonde as professoras vinham do interior fazer cursos e que depois se converteu em 9º BEC – e um casarão à esquerda, no ponto mais alto da subida do Pico do Amor.

A comunidade coxipoense, aglutinada perto do rio, era pequena e unida. Todos se conheciam, de algum modo. A cidade cresceu e se transformou tanto que destruiu quase por completo a cartografia tradicional local.

Naquela época, era usual as famílias possuírem um médico de confiança que, para além de sua especialidade, atendia de bom grado a qualquer emergência, eventualidade ou rotina. Dr. Farid Seror era o médico da família do jovem Renato, filho do sr. Érico e de dona Maria, que moravam numa bela chácara à beira do rio Coxipó.

Em 1968, após quase falecer de malária, que contraiu numa pescaria no rio Cuiabá abaixo, o rapaz passou a fazer consultas periódicas para checar seu estado geral de saúde. Na primeira semana do mês de maio, dr. Farid solicitou-lhe exames. Deu-lhe dois frascos de vidro com instruções para recolher fezes e urina de manhã bem cedo e entregá-los num laboratório no centro da cidade. O rapaz decidiu ir em jejum, aproveitando para então colher o sangue.

Num domingo à noite, avisou em casa:

— Pai, preciso fazer exame de sangue amanhã. Vou cedinho. Posso ir de carro?

— Pode. Mas volte em seguida, que vou sair pra resolver algumas coisas.

— Tá.

A mãe pediu-lhe:

— Filho, você me faz o favor de, na volta, passar na venda do Nemésio e trazer pão pro café da manhã?

— Tá bom, mãe. Por acaso a senhora tem algum papel ou caixa para eu embrulhar os vidros pros exames de fezes e urina? Não quero andar na rua com isso na mão, tenho vergonha...

— No meu quarto, dentro da caixa de revistas, tem, bem em cima. Não vá amassar os papéis, hein?

— Deixa comigo.

A "caixa de revistas" era uma grande cesta de piquenique de vime trançado que o marido ganhara de presente de Natal anos atrás. Assemelhava-se à do Zé Colmeia, com duas tampas laterais e uma alça para carregá-la. Nela, dona Maria guardava uma coleção de revistas Manchete e Cruzeiro, sobretudo as edições que traziam matérias sobre desfiles e concursos de misses, especialmente a cobertura do Miss Brasil. A cesta as acomodava perfeitamente e, sobre elas, eram guardados os papéis mais bonitos de presentes ganhos geralmente no Natal e em aniversários, sempre cuidadosamente desembrulhados de modo a não danificar as embalagens, raras naquela época, para serem reaproveitadas em novos embrulhos, e também pequenas caixas. A cesta ficava em seu quarto, sobre um grande e belo baú de madeira que acomodava seu vestido de noiva, já amarelado pelo tempo, peças do enxoval de casamento, como toalhinhas de linho bordadas à mão e que tais, além de roupinhas de bebês que guardava de lembrança de seus quatro filhos, duas de cada um. Raramente era aberto e, quando isso acontecia, um cheiro de naftalina volatilizava-se pelo amplo quarto compondo uma das memórias da infância dos seus filhos e netos, somada às incríveis histórias das peças que ela detalhadamente contava.

Contrariando a mãe, atrapalhado como era, Renato fuçou os papéis na cesta esculhambando-os bastante e encontrou uma linda caixinha colorida que serviria perfeitamente para carregar os vidrinhos do dr. Farid sem dar bandeira do conteúdo.

Na segunda-feira, acordou às 05h30, colheu o material e acomodou os vidros na caixinha. Todos ainda dormiam quando ele pegou as chaves da Rural Williams vermelha e branca, de placa 0414, que se encontravam sobre um barzinho de estilo japonês na sala de estar, e saiu. Colocou a caixinha no painel do veículo. Decidiu primeiro ir comprar o pão, pois poderia demorar-se no laboratório se tivesse fila. Parou a Rural quase em frente à venda, à sombra de uma frondosa mangueira. Naquele tempo, ninguém trancava o carro ao estacioná-lo na rua, de modo que deixou o vidro do motorista aberto.

No Nemésio, encontrou seu amigo Tadeu esperando numa fila a liberação da fornada. Além de pães, havia bolos de queijo e de arroz deliciosos, pois caseiros, e guloseimas como jujubas e pés-de-moleque exibidas num balcão antigo de madeira de lei escura e vidro, na altura dos olhos da criançada, que, de lombrigas assanhadas, literalmente o lambiam. Papearam um pouco até que sua vez chegou e ele comprou três bisnagas ainda quentinhas do único pão sovado vendido na região, bem artesanal e muito saboroso, despediu-se de todos no bolicho e saiu.

Quando entrou no carro, constatou que a caixinha tinha desaparecido do painel da Rural. Procurou-a pelo chão, bancos, porta-luvas e nada! Tinha certeza de que não a esquecera em casa. Então deduziu, surpreso, que fora roubado, coisa rara de acontecer por ali, onde as ocorrências policiais registradas se resumiam a roubo de galinha e bujão de gás, no máximo. A tranquilidade do vilarejo era tamanha que as pessoas dormiam com as janelas abertas, por causa do calor.

Gozador como era, Renato ficou imaginando a cara de pateta do ladrão ao abrir a caixinha, certamente pensando tratar-se de fina joia ou bijuteria, quando se deparasse com o malcheiroso escatológico conteúdo...

Dante Gatto

Nasceu em 1957, natural de São Paulo, capital. Foi bancário até 1996. Aposentou-se como Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT. Escreveu peças de teatro: *Os vencidos* (1985); *A noite dentro da noite* (1986); *A Criação literária* (1988); *Amar, verbo intransitivo* - adaptação (1995); *Retorno ao futuro: a semana de 22* (1996) e *A voz do povo: 500 anos de história* (2000). Publicou livros de poemas: *Poesias* (1980); *Unimultiplicidade poética* (2005) e *A Ferida e outros poemas* (2015) e um livro de metodologia científica: Metodologia da Pesquisa (2017).

PARNASIANINHA

Quando a velha memória, de repente,
Escolhe alguma coisa pra lembrar
Ela conversa com a saudade, sempre,
Mas não é para nos castigar.

Porque a saudade é sim conivente
Com o amor que sempre tem lugar
Em tudo que vivemos, simplesmente,
Porque não vivemos sem amar.

Memória, lembrança, saudade, amor
Com o tempero agridoce da dor
Constitui nossa certa incerteza

A que chamamos de felicidade,
Composto de estranha propriedade
Da alegria combinada à tristeza.

SONETO AO SONETO

Ao sentir que me perco estremeço e
Fatigado de tudo me recolho
ao mar sujo de dúvidas que colho...
Só o fim, porque nunca há começo.

Quando, afinal, me perdi? E esse abrolho
Imundo que me tornei e mal conheço
Só me indica que assim mereço
Da triste escolha de ser um escolho.

Porém, na descrença da apostasia
Tenho ainda o conforto da poesia
E encontro forças para um poemeto.

O equilíbrio me traz vaga alegria.
Administro a revolta, a rebeldia
E me surge das trevas um soneto.

ESTIO

o estio
neste sítio
seco
sufoca
os afetos
e as vias nasais
o fastio
viscoso
uma seiva
nívea
exsuda
do seio
o viço
da face sã
cede
ao tédio
da estação
feia
o vinco
da tez
finca
fundo
o esteio
de uma vida seca

Divanize Carbonieri
é doutora em letras e professora de literaturas de língua inglesa na UFMT. É autora dos livros de poemas *Entraves* (2017), *Grande depósito de bugigangas* (2018), *A ossatura do rinoceronte* (no prelo) e *Furagem* (no prelo), além da coletânea de contos *Passagem estreita* (2019).

Edson Flávio
É cacerense, doutor em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEL/UNEMAT) e pesquisador na área de Literatura. É autor de Aldrava (2020) e escreve desde quando descobriu seu amor pela poesia.

BELA VISTA

Não tinha espaço para mais nada ali naquele chão. Nem no apartamento apertado em que vivíamos, nem nas nossas vidas. Não havia mais espaço para nada. Peguei o título de eleitor e saí. Ao fechar a porta atrás de mim senti o vento frio da solidão me alcançando. Nem me lembrei de despedidas. Tantas noites esperando você voltar do seu trabalho medíocre, cheirando a gordura.

Me aliviava quando a fresta de luz avançava o quarto e me alcançava deitada na cama. Tesa e alerta. Quando seu corpo tocava no meu, despertava em mim incontáveis sensações. Eu era sua mulher.

Era gostoso te esperar, contar dos meus sonhos, de como estavam sendo as aulas da pós. Do corre-corre no metrô. Eu me sentindo orgulhosa por me virar sozinha na cidade selva. Ríamos sem pressa madrugada a dentro. O dia nascia e a gente fazendo planos da vida, do rolê do final de semana. Aquela maratona etílica pela Augusta.

Eu e você apostamos as nossas fichas num jogo que nem sei como começou. Quando dei por mim já estava nele. Era cedo demais para desistir da partida. Jogamos.

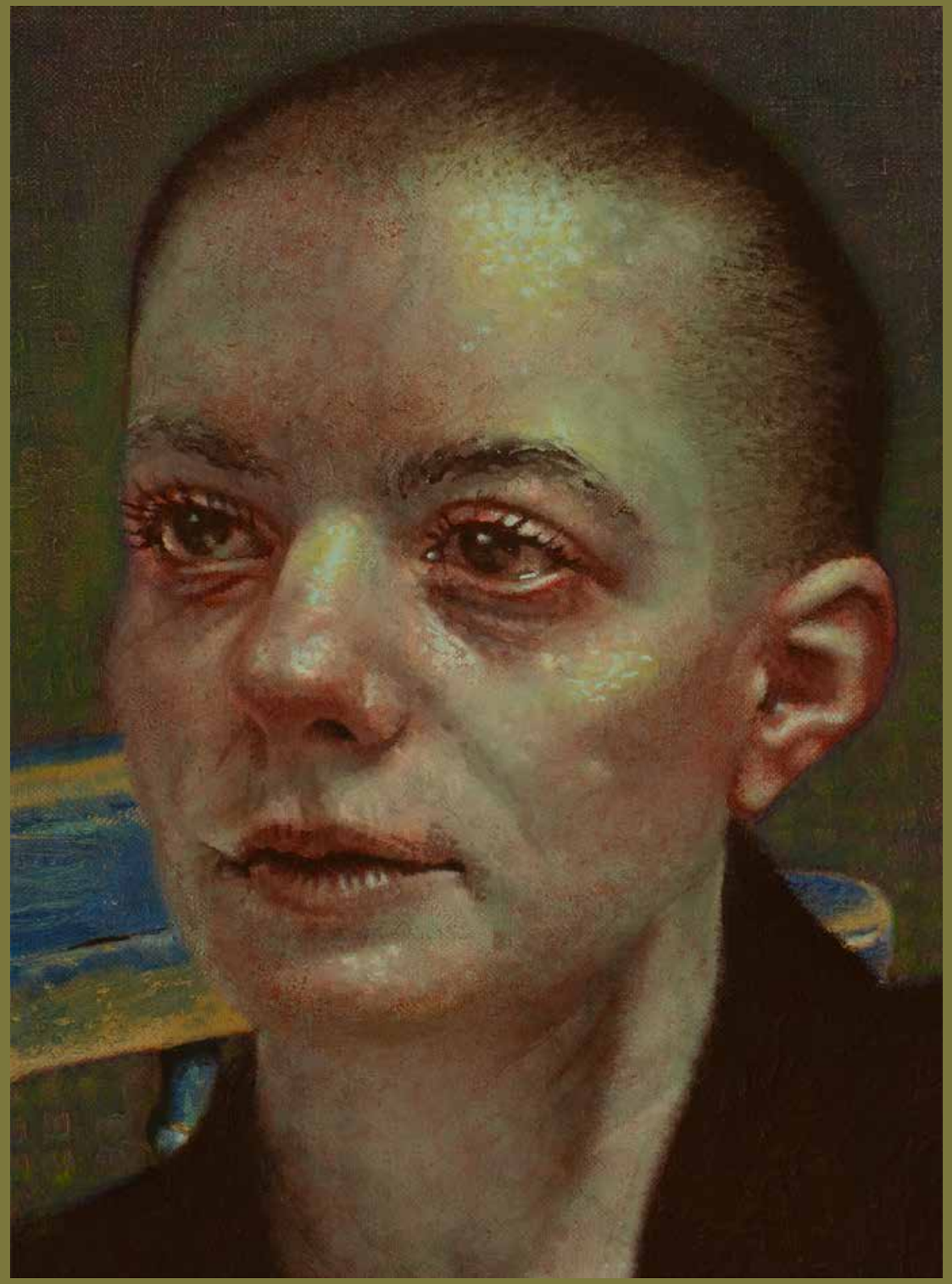
Quando a roda da vida seguiu seu ritmo. A espera nas noites frias de São Paulo parecia penosa e o tesão deu lugar ao sono, a prontidão às desculpas. Não queria mais ter tempo.

Os dias passavam lentos e a louça se acumulando pela pia, suas roupas íntimas, sujas, pela casa misturando-se às bitucas de cigarro que se espalhavam pelos cantos, no vaso sanitário, no beiral da janela, sobre os pratos, dentro dos copos... seu desleixo contínuo era uma afronta a minha salubridade. Eu não suportei ser a dona de casa que você queria que eu fosse. Não havia sido preparada para aquilo. Não daquele jeito.

Eu não me encontrava naquele mundo doméstico. O que era para ser uma vida a dois passou a ser uma via para dois. Mas não cabia nós dois. E um de nós precisava partir.

Como estrangeiros em terra estranha tínhamos o mesmo norte. Mas eu não queria só o norte. Eu queria as direções que o vento soprasse e aquele aperto do dia a dia não me deixava mais respirar. Eu queria ar. Queria voar. Precisava.

Naquela fatídica quarta-feira, enquanto jogávamos os livros pelo chão, eu e você íamos nos despindo da imagem de casal feliz que construímos e nos desfazendo dos fardos que carregamos ao longo dos anos. Estávamos nos desconstruindo para então nos refazermos livres e, agora felizes.



CONSOLAÇÃO

Aquele dia ela estava decidida a encontrar seu título de eleitor. Sabe-se lá o motivo. Ela tinha disso, queria e pronto. Minha cabeça estava cheia. Minha vida se dividia entre ela, meu trabalho e aquele apartamento minúsculo. Acordei com o barulho dos livros batendo no chão. E depois de abrir e jogar todos eles, pegou o documento e saiu sem se despedir. Fato que só percebi quando ouvi o barulho da porta se fechando. Queria tê-la visto antes de sair. Olhar nos seus olhos, ver o tremor das suas bochechas quando ficava irritada.

Aquele final de junho custaria a terminar. O próximo mês era o que eu mais trabalhava e, por isso, no tempo que sobrava eu sempre queria arrumar a casa, já que ela nunca conseguia fazer muita coisa. Muitas vezes, enquanto eu trabalhava, ela saía com os amigos para se divertir e quando eu voltava cheirando a gordura e cansado, ela estava me esperando vendo tv ou estudando. Uma cena que se repetia cotidianamente.

Eu corria para o banho porque desejava aquele momento durante o dia todo. Mas nem depois de um bom banho ela me procurava, então eu também deixei de procurar. Eu não ganhava muito, somado à bolsa de estudos que ela tinha dava para pagar as contas da casa. Nesse sentido a gente se dava bem. O que fudeu com a nossa vida foi a porra da velocidade.

Ela tinha pressa para tudo. Ligada nos 220v. No começo eu gostava da ideia. Gostava dessa agitação toda. Uma independência que urgia na vida dela. E que ela lutava a todo custo. Eu curtia pra caralho quando ouvia suas histórias dos apuros no metrô, da ralação no doutorado. Mas com o tempo isso foi cansando. Enquanto eu fumava, ela contava história. Passávamos a madrugada assim. Diversas vezes saíamos juntos e voltávamos com sol nas costas. Saindo da Estação Trianon a gente ia cantando, de mãos dadas confundindo as letras das músicas. Era engraçado a cara do povo e a gente nem aí. Era uma rota meio que automática nossa.

Eu gostava demais daquela garota. Ainda gosto. Sonhamos muitas coisas juntos. Pena que ela não soube esperar. Esse foi o problema. Sua pressa de ganhar o mundo fez com que ela me perdesse.

Perdi o gosto pela casa, o que me fazia ficar mais tempo do que o necessário no trabalho. Perdi o tesão em ser o homem dela. Perdi a minha vontade de seguir daquele jeito quando ela saiu porta a fora naquele dia. Por isso não fui atrás.

Enquanto eu olhava aqueles livros jogados no chão, vi quanta coisa joguei fora com meu orgulho bobo. Dava-me conta de como fui egoísta e só pensei em mim. E já era tarde demais para voltar. Estava quase na hora de ir para o trabalho e, naquele dia, eu sabia que quando eu voltasse ela não estaria mais no apartamento.

Eu não fui o homem que ela queria que eu fosse e nunca quis que ela fosse a mulher ideal. Apenas levávamos o barco. A vida tinha um prazer especial singrada ao lado dela. Sempre compreendi que tudo aquilo era pequeno demais para uma jovem cheia de força, vinda do interior. Ter sobrevivido aquele mundo novo já era uma vitória. Não lhe dei alforria porque nunca esteve acorrentada. Eu abri caminhos, fiz de tudo para que ela entendesse isso. Eu a amei, isso sim.

Ao retornar do trabalho uma parte de mim acreditava, piamente, que ela não estaria no apartamento, mas, para minha surpresa, lá estava ela. Linda, como sempre. Empoderada. Seus cabelos cacheados, cheirosos. O apartamento um brinco. Cama arrumada, louça lavada. Roupa guardada. O cheiro era de casa nova, mas por dentro o sentimento ainda estava velho tanto para mim, quanto para ela.

Não houve beijo, não houve briga. Rimos muito tomando um último vinho juntos em copos de massa de tomate. E descobrimos, depois de tudo que passamos juntos, que nossas vidas começavam ali, naquele instante, onde nos sentíamos livres e, também, felizes.

Eduardo Mahon
43, é carioca da gema, advogado e escritor. Mora em Cuiabá com a esposa Clarisse Mahon, onde passa sufoco com seus trigêmeos: José Geraldo, João Gabriel e Eduardo Jorge. Autor de livros de poemas, contos e romances, publica pela Editora Carlini e Caniato.

VAI DOER DEMAIS NASCER PARA ESTE MUNDO

se eu pudesse voltar
diria ao doutor
: espera um pouco
vai doer demais nascer para este mundo
porque nele vive-se de espera

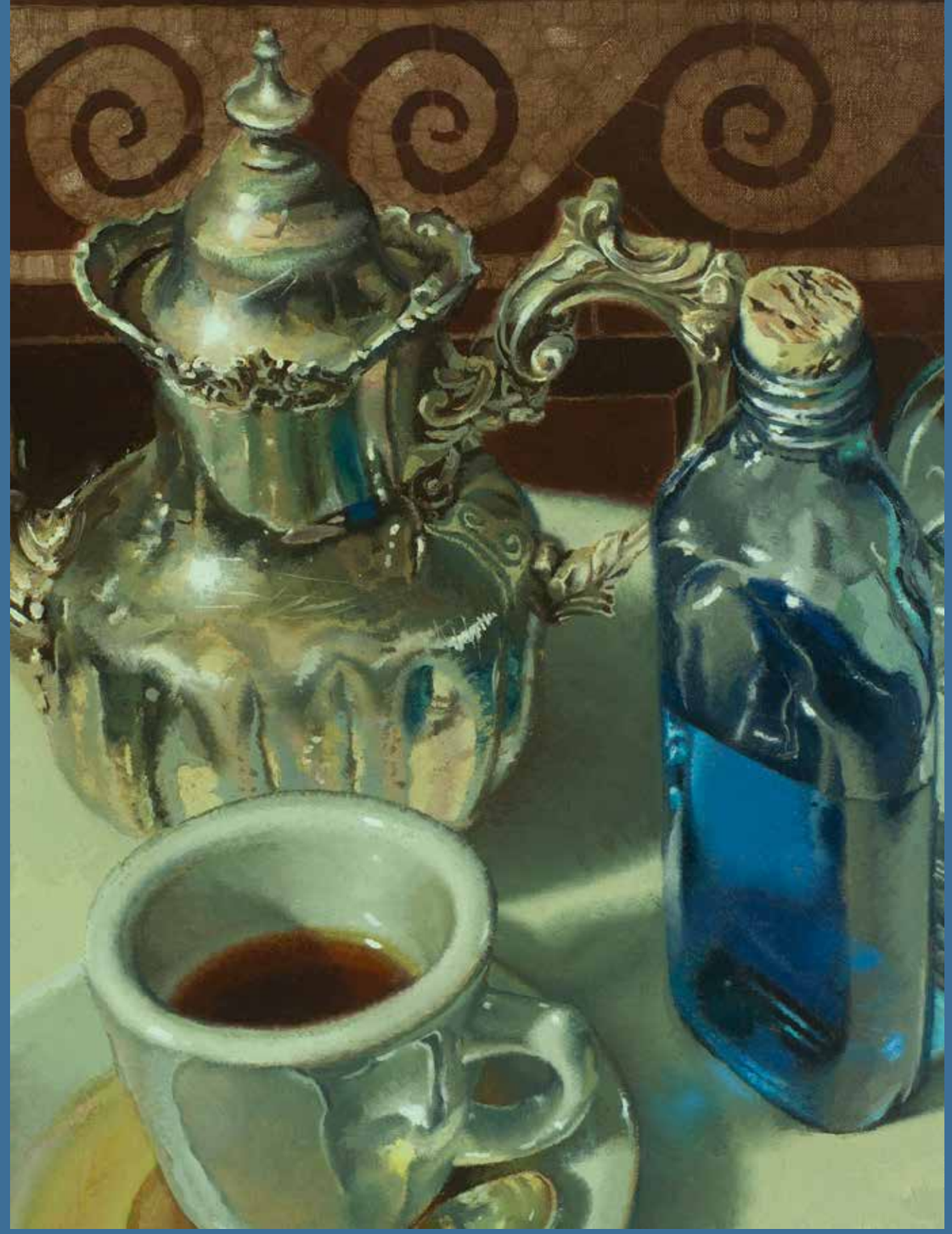
espera-se tudo
: o seio da mãe
: o sinal da escola
: o dente do siso
: o salário do mês
: a noiva no altar
: o choro dos filhos
: o diagnóstico mal

de que adianta
? nascer para este mundo
a vida é um antiácido
que se dissolve no tempo

mas agora é tarde
nessa altura o doutor já tirou a máscara
lavou as mãos
vestiu o blazer
e foi para casa dormir

há os que não aguentam a vida
saem do trabalho mais cedo
alugam um quarto de uma pensão barata
e enforcam-se em lençóis imundos

passado o susto
os que morrem
não esperam mais nada
e por isso parecem tão calmos



Felipe Eduardo Lázaro Braga
É doutorando em Sociologia (FFLCH-USP), graduando em Filosofia. Escreve sobre arte contemporânea, arte urbana e matemática. Trabalha com pesquisa de mercado e opinião

PRAÇA DA SÉ

Acabei me distraindo, e desci os primeiros degraus da entrada da estação. A entrada estava fechada.

Entrada principal da Estação Sé é palacete subterrâneo de escadas que se desdobra até duas pontas inacessíveis da Praça: para quem vem da Liberdade, a entrada está fechada entre a Catedral e o Palácio da Justiça; para mim, que só conheço aquela entrada, a segunda fica – é o que diz a placa – inacessível atrás da primeira, em frente à escultura do Amilcar de Castro. Noite.

Fechada também, com todas as minhas possibilidades esgotadas. Além de escura, a Praça é enorme, lugar em que beleza e arquitetura te convidam a sair logo dali. De modo que, se eu disser que havia uma Base Comunitário Móvel da Polícia Militar no meio da Praça da Sé, eu disse pouca coisa sem acrescentar que, entre a escultura do Amilcar de Castro, que é onde eu estava, e a escultura do Apóstolo Paulo, que é onde eles estavam, havia treze assaltos de distância. Noite, e as minhas entradas da Sé estavam todas fechadas.

Fui até a Base Comunitária ter com os policiais, "com licença, não tô achando a entrada da estação", mas meu fui parou no ia: ao meu redor, perto da escultura do Amilcar de Castro, centenas e milhares de pessoas – não duas ou três, mas centenas e milhares de pessoas –, com dois braços, duas pernas, dois pulmões, um fígado, falando português debaixo da mesma noite, surgiram naquela Praça; tão de repente que, se alguém me perguntasse "como?", eu diria que elas já estavam ali ontem; ou antes, escondidas nas frestas da Sé, a ponto de virarem Praça, desde que a Sé é mundo – fui eu que perguntei:

Amigo, tudo bom? Não tô achando a entrada da estação. Você pode me ajudar?

Opa patrão.

Quando eu chegar em casa, a primeira coisa que não vou fazer é lavar a louça. Entre lavar a louça e transar com o Francisco, prefiro que o Francisco lave a louça. A louça só fica urgente depois de quatro dias – hoje, o quinto, é arqueologia de todas as embalagens que foram minha semana, pois: de tudo que é urgente, a louça é o mais supérfluo; de tudo que é supérfluo, o Bruno é mais urgente. Daqui pra frente, Bruno, não prometo louça limpa, mas prometo o longo prazo: uso um prato, lavo dois; sujo um copo, lavo dois. Mais longo prazo se o Gabriel continuar sujando louça comigo, quando eu chego tarde da Sé (minha segunda semana de trabalho lá), e quero companhia.

PSI

Entre o querer e o saber
habita um desejo que nunca se sacia
e não adormece
insistência

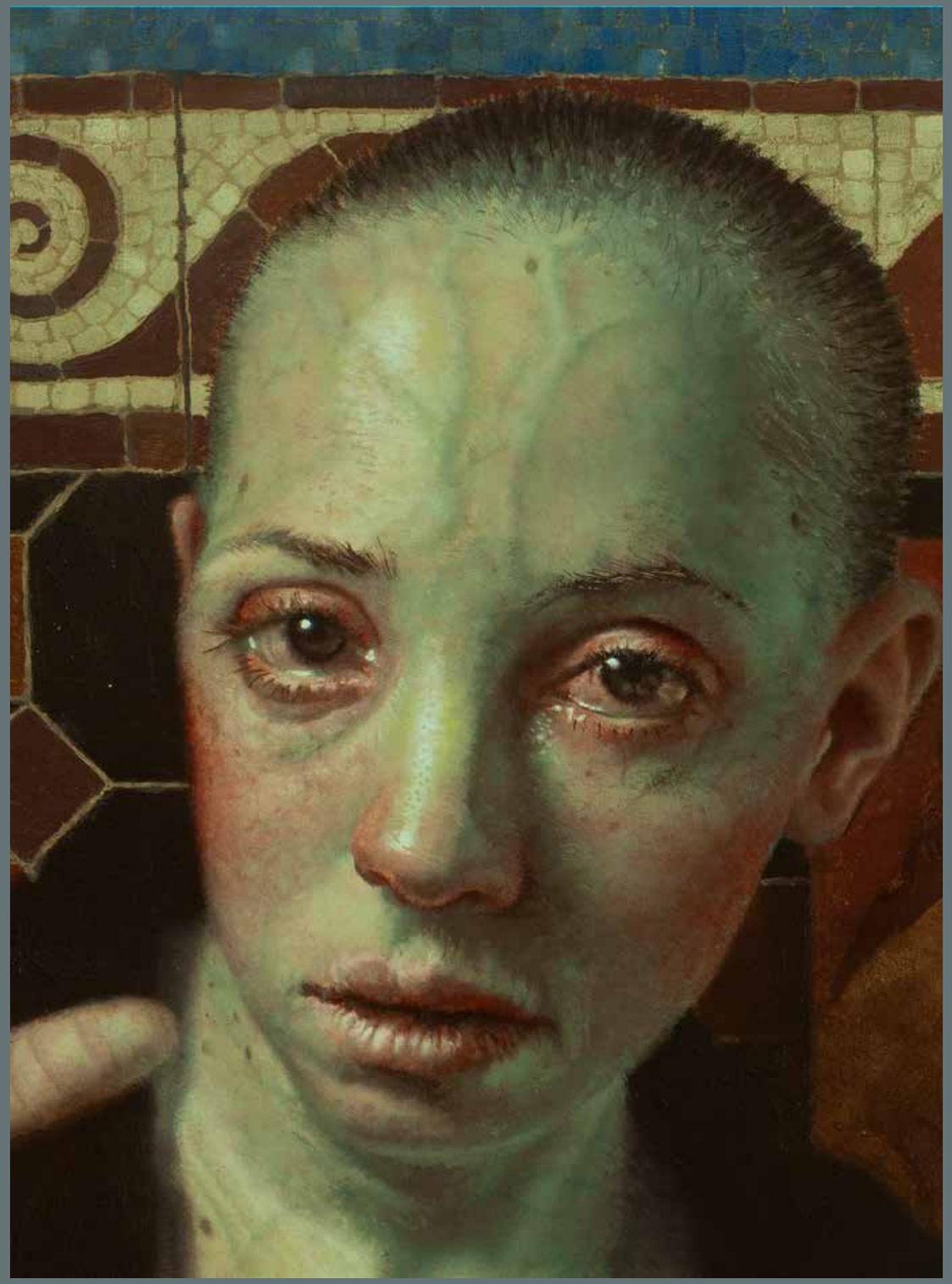
entre o visto e o sentido
há palavras confusas
e necessárias
silenciadas

entre a origem e o destino
há uma investigação em curso
memórias sem testemunhas
incertezas

entre a doçura e o afago
habita o monstro
que cerra o punho
mas não abate

entre o proibido e o permitido
há o querer
o mesmo querer
que nada sabe
e a tudo se lança

Flavia Ferrari (Santana de Parnaíba/SP)
É escritora e poeta. Escreve contos infantis desde 2014. Estreou na poesia em 2020, no início da pandemia. Teve poemas publicados pela Escrita Cafeína e pela Toma Aí Um Poema (menção honrosa). É mãe, professora e mantém um relacionamento amoroso sério com a poesia.



Gabriel de Mattos
Está preparando o lançamento de O Primeiro Filho e outras narrativas, que, apesar do nome, é seu nono livro publicado; tem contos, crônicas, histórias em quadrinhos, ensaios... narrativas. Bem anteriores ao Ciclo de Novo Paraiso, do qual faz parte A Pioneira

A PIONEIRA

Sério, não sei o que estou fazendo aqui, nesta chácara envelhecida. Deixei claro que sou um *historiador de literatura*, não um crítico ou editor.

Mas o curso superior de Literatura e Línguas (existe isso?) da Universidade de Novo Paraíso do Norte, a gloriosa (?) UNINOPAN, exigiu e aqui estou eu, defendendo a bandeira do curso pioneiro do nortão de Mato Grosso. E o meu emprego, claro.

Então vamos lá, bater um papo com Dona Leonora Teles Schultz, ou Flora Juvenília, poeta pioneira (sério, título que quase foi oficializado pela câmara municipal), romancista bissexta, filântropa, ainda com dinheiro para se cercar de velhos sonetistas e jovens pseudo-hippies. (Acho que estou realmente "envelhecendo mal", como diz Isobel)

Lembrar de comprar o filtro de linha e outro USB flash drive para Ione.

Como ministro disciplinas (dou aulas, velho!) também para o curso de Jornalismo e Publicidade, preparei uma *pauta* para a conversa. Eles adoram pauta. Flora Juvenília chegou com o segundo marido, um alto funcionário da Colonizadora, quando só havia uma rua (mal) asfaltada em Novo Paraíso. Fez parte daquele movimento de preencher as necessidades da cidade que crescia mais de 10% ao ano: abriu uma papelaria que vendia livros e acessórios para pintura em cerâmica, objetos de decoração e plantas medicinais.

Depois ajudou a sobrinha a fundar um Conservatório Musical. Na verdade, um curso de piano, depois teclado. Hoje é franquia de uma empresa do sul, mas começou realmente independente, com os livrinhos esculhambados do Francisco Russo e o *Leila Fletcher Piano Curse*, bem pioneiro mesmo. Dali veio a ideia de fazer "reuniões culturais", onde se encontravam os que não tinham estômago para aguentar os três (três!) CTGs da cidade (um até era de *tradições catarinenses*, dizíamos).

Acabou que Dona Leonora, já com a nova alcunha para se afastar da histórica figura portuguesa, assumiu a liderança de uma certa vanguarda interiorana, reunindo sobretudo a juventude rebelde formada pelos filhos dos pioneiros. Da qual fiz parte desconfortavelmente (produzia pouco, participava pouco, paquerava pouco as garotas) quando era rebelde, quando era jovem.

E nem era muito amigo dela. Mesmo quando ela estava tentando entrar no Conselho Municipal de Cultura, já meio de escanteio depois da fundação da UNINOPAN. E ela já tinha esta chacarona, deixada por um ex-marido que deu tudo para se livrar dela. Ela transformou isso num... sei lá, num Solar de Produção? Colônia de Artistas?

De qualquer forma ela *presidia* o *sodalício* (Adoro esse termo, sodalício, parece nome pomposo de bordel caro para velhos depravados)

Hoje é um manicômio. Ops!, escorregão politicamente incorreto: casa de repouso (ou recolhimento?). De qualquer forma uma construção já com cara de *velha*. Lembro-me do Velho, sogro de Isobel, tentando estabanadamente defender uma *história* de Novo Paraiso, até indo na Fundação Nacional Pró-Memória, em Cuiabá, buscando apoio para fazer um tombamento de áreas antigas da cidade. Essa construção mostra que o Velho não estava tão errado. Resta a ele a briga pela diretoria de nosso novo Novo Paraíso Golf Club.

Lembrar de comprar a tomada com luzinha e outro pen drive para a Ione.

*

Assusto-me quando o Dorianno abre a porta. Conheci-o quando moleque, andando pela chácara, de shorte rasgado e sem camisa. E, afora a roupa, ele não mudou nada: cabelo comprido, roupa simples, barba por fazer, apesar do diploma de medicina em faculdade boa. E a mesma cara de moleque. Parece ter uns 15 anos, o desgraçado!

- Entra, Mariano. Acho que hoje ela está bem.

Não sei por que Dorianno decidiu se especializar em doenças mentais e gerontologia. Tá legal que nunca foi um cara muito certo, estava mais para o geniozinho fechado em si, o bom aluno rico, ligado ao pessoal da Colonizadora. Mas depois de uma boa faculdade no Sul, não quis ficar com o pai e voltou para Novo Paraiso. Para a chacarona da mãe, primeiro para o Pronto Socorro local e depois para esta... clínica em que transformou o castelo da mãe.

- Esta ala da casa ainda é exclusiva dela. – explica Dorianno – Não é bom afastar uma pessoa de idade do lar dela. As... referências são importantes.

Nem pergunto sobre os outros pacientes da clínica. A maioria colocada ali para abrir espaço para as novas gerações.

Ele abre a porta e encontro Flora Juvenília sentada numa grande poltrona que parece um vaso de cerâmica marajoara. Ainda tem o ar de matrona-líder, de presidenta do sodalício, de mulher procurada para conselhos.

- Obrigado, Dorianno. Dispensado. – Nem bem olha para o filho. Espera que ele saia – Você sumiu, desapareceu. Comprado por aquela faculdade.

Não sei se me reconheceu de tanto tempo atrás ou se adivinhou minha missão.

- Mas eu te perdoo. – ela concede – Temos outras preocupações, na verdade, outra *realidade*.

- Qual realidade? – Tento entrar no jogo.

Ela se aproxima, sussurra: - Cinema.

Abro o caderninho onde anotei algumas perguntas. Ela me segura a mão.

- Deixe de usar essas coisas antigas, cadê o seu *palmtop* atualizado? Já tem coisas mais modernas, mais ágeis. – Ela cruza os braços, majestosa – Já me decidi, não estou gagá ainda: o Solar – ela faz um gesto que abrange toda a chácara – vai ser um complexo de produção cinematográfica. Já tem um pessoal daqui de perto que faz filme de morto vivo, terror. E com estas salas enormes, faremos vários cenários, futuristas ou neoclássicos. E então... – nota minha boca aberta – televisão, vídeo, transmissão pelo éter para todo o mundo!

Parei com a caneta no ar. Ela se acalma e me olha com seu ar superior, bem superior.

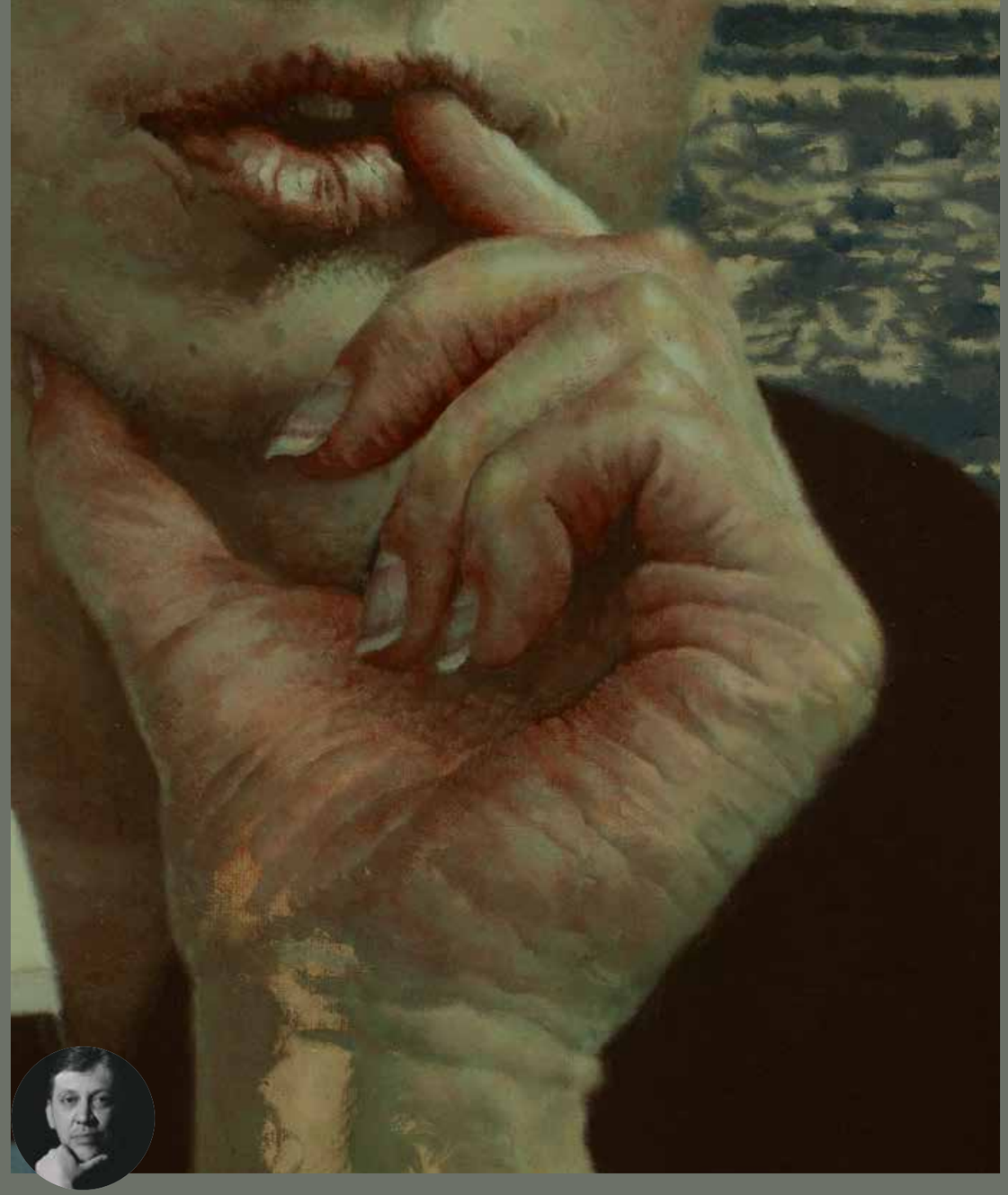
- É isso, vá e informe no seu jornal. Dispensado.

*

Nem procurei Dorianno. Para quê? Na verdade, gostei do tirocínio da velha senhora. Tem um fazendeiro que chegou do sul que é casado com uma antiga atriz de pornochanchadas, aquelas antigas, ingênuas, sem sexo explícito. E tem um professor também que despencou para cá que vive ameaçando fazer um filme. E tem o grupo daqui de perto que faz filme de zumbi e quer fazer filme de ação, com explosão e tiroteio...

Entro no meu carro velho, conformado em escrever algumas obviedades sobre Flora Juvenília, e até pensando em vender a ideia dela. Preciso voltar a propor coisas, inventar novos problemas.

Minha filha me falou hoje de manhã que ela não está conseguindo se conectar. Perguntei se era um problema de banda larga (na falta de termo melhor



Helvio Moraes
Possui Mestrado (2005) e Doutorado (2010) em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Realizou estágio de doutorado na Università di Bologna. Atualmente é Professor Adjunto da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, credenciado (docente permanente) no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários - PPGEL, com sede em Tangará da Serra. De fevereiro de 2015 a fevereiro de 2016, foi visiting professor junto ao Dipartimento di Scienze Politiche e Sociali da Università degli Studi di Firenze, Itália. Publicou o livro A Cidade Feliz (Ed. da Unicamp, 2011), que compreende o estudo e a tradução comentada da utopia de Francesco Patrizi da Cherso. Na carreira artística, lançou recentemente o álbum musical "Profano Absoluto".

SOBRE O REALISMO E A ARTE DE EDWARD POVEY

Realismo emocional. É assim que Edward Povey define sua arte, ou, como ele prefere dizer, os objetos que cria, objetos para serem pendurados nas paredes, não arte *per se*. Objetos cobrindo as paredes, que mantêm o cheiro da oficina escura de seu pai, a atmosfera do perfume de sua mãe e outras tantas reminiscências sensoriais.

O convite para abordar esse realismo veio acompanhado de duas provocações: toda arte é anti-realista? Até que ponto a categoria do "realismo" existe?

Comecemos por estas perguntas, com a certeza de que o termo "realismo" é por demais complexo e comporta os mais diversos significados. Parece ser também relativo. Para a mentalidade medieval, a realidade do mundo transcende a matéria, é composta por ideias universais, perenes e imutáveis, cuja existência independe dos corpos e objetos que compõem esse mundo tangível, sensível, dotado de concretude. O realismo medieval é um realismo metafísico e nem por isso deixa de ser visto como realismo. Pensemos no realismo dantesco. Na arte renascentista, percebe-se a crescente presença de um "realismo enganador", segundo a definição de Peter Burke. A arte produz ou busca produzir a ilusão de que não é arte. Ao lado deste realismo, ainda segundo o autor, é possível notar a emergência de um "realismo doméstico", na escolha do que é cotidiano e comum como assunto para as artes, e de um "realismo expressivo", em que a realidade externa é manipulada para exprimir algo que existe em seu interior. Seja qual for o tipo, fica evidente que é a realidade empírica e as formas sensíveis o fulcro da observação e da produção artística. Ademais, ainda com Burke, talvez não seja possível irmos muito além, no que diz respeito à estética realista, da constatação de que "parece mais útil partir do fato empírico de que algumas sociedades, assim como alguns indivíduos, se interessam particularmente pelo mundo visível, conforme se lhes aparece", por mais perfunctória e imprecisa que possa soar esta sua formulação. Além de relativo, o realismo é um efeito e depende de um sistema de convenções.

Buscar ser fiel à natureza, à realidade material, ao mundo das formas sensíveis, enfim, é apenas um de tais sistemas. E, ironia das ironias, na arte, somente ao se deformar a realidade pode-se melhor representá-la. Leyla Perrone-Moisés cita um caso emblemático: uma experiência realizada por Céline, que a autora classifica como realista, partiu da observação de que um bastão, quando mergulhado na água, parecia torto pelo efeito da refração, de modo que, querendo o artista fazê-lo parecer reto, via-se obrigado a quebrá-lo antes de mergulhá-lo na água. O que Perrone-Moisés, a partir deste exemplo, conclui para a arte literária, pode muito bem se estender às artes em geral: a água que nos obriga a entortar o real é a linguagem artística.

A velha ideia da arte como imitação da natureza, como mera cópia do mundo e das coisas aparentes (Aristóteles ainda continua sendo mal interpretado por muitos, neste sentido) não se sustenta, mas, a meu ver, isto não nos obriga a concluir que toda arte seja anti-realista. Lembro-me de uma passagem de Robert Klein: "Uma imagem 'viva' não se parece com seu modelo, pois não visa a restituir a aparência, mas a coisa. Reproduzir a aparência da realidade é renunciar à vida, limitar-se, não sem dificuldade, a ver da realidade apenas a aparência, transformar o mundo em espectro".

É a partir das questões propostas e com base nesses recortes um tanto fortuitos que eu – nesse gesto temerário de não especialista em artes plásticas – brevemente apresento alguns elementos do realismo emocional presente na obra – ou, pelo menos, na produção mais recente – de Edward Povey.

Já alguns aspectos técnicos nos possibilitam entender a singularidade de sua estética realista. Primeiramente, a ideia de criação de um cenário. Para o artista, cada objeto que compõe a tela precisa ser feito, na maioria dos casos, por suas próprias mãos; ou, de algum modo, precisa ser manipulado, como no caso da cadeira azul em "Cast" (2021). O artista já tem em mente que cadeira usar. Assim, ele a procura e a adéqua – pintando-a, envelhecendo-a –, até que fique exatamente conforme à que tinha em mente. Na mesma pintura, o conjunto de fotografias dispersas sobre a mesa e sobre o chão são fotocópias de fotografias do acervo familiar do artista, manipuladas de forma a dar a impressão de "estarem na família desde sempre", embora não tenham mais de seis meses. Pássaros de origami, mesas, xícaras de chá, colheres; tudo é feito ou manipulado, apreendido pelos sentidos e disposto como num cenário. A razão para isto é que o artista acredita que tudo se impregna de uma carga emocional através deste processo. A superfície de cada objeto adquire sua consistência a partir do momento em que mantém isto que Povey define como carga emocional.

Assim como com os objetos, o trabalho com as modelos (na grande maioria dos casos, são mulheres que posam para o artista) também é realizado no sentido de se chegar a um ponto preciso de carga emocional. Há um trabalho minucioso com as formas de expressão e postura do corpo, em que, além dos mínimos detalhes dos gestos, da composição dos tecidos, Povey as orienta no sentido do que pensar, do que sentir, buscando fazê-las reviver certas memórias e emoções de suas vidas, até conseguir captar precisamente o semblante, o olhar, a atmosfera que tinha em mente para uma determinada pintura, o que pode levá-lo a recorrer a até quatro modelos e mais de cem fotografias com cada uma, para cada novo projeto.

A pintura de Edward Povey não é narrativa, muito menos biográfica, como o artista mesmo afirma. O instante carregado de tensão, lassidão ou qualquer outra experiência emotiva é flagrado em sua efemeridade, o que se observa no movimento ou disposição dos objetos, mas, principalmente, nos corpos retratados, com suas imperfeições, os sinais da passagem do tempo e marcas de uma vivência profunda, conferindo ao todo o sentimento de uma vida "posta entre os parênteses do nascimento e da morte", precisamente como ela é. Exemplar, neste sentido, é "Amplexum" (2021), em que uma gama de sentimentos parece tomar o corpo da mulher que fortemente se abraça, um momento de entrega solitária, em que prazer e dor parecem se misturar, tendo ao fundo sinais da passagem do tempo e da memória, numa espécie de moldura inacabada em que se destacam a página de uma agenda e as pilhas de copos, colheres e xícaras de café. Para Povey, esta é a função do artista, apenas mostrar a verdade do que somos, sem qualquer pretensão didática ou proselitista: "eu quero conduzir as pessoas que veem minhas pinturas pelas passagens mal iluminadas da minha vida e, por meio de minhas figuras e interiores, explorar o que é ser humano".

Edward Povey
Guest artist

BIOGRAPHY

I do not regard myself as an artist in the normal sense, nor do I see myself as a Realist in its strict definition.

I have recently realised that I do not refer to memory directly, since most of our memories are inaccurate and become “memories of memories“. I rely on finding an ‘emotional charge’ for my paintings, and I believe that the only doorway to this experience lies in present, immediate emotions. Using them as a doorway, I can more easily find my way back to original experiences in my childhood and early life, because current emotions appear to be founded in original authentic emotions from the past. In other words, our responses to current dramas is designed and educated by ‘emotional training’ in our childhoods.

I combine memories, making composites of feeling which in turn suggest designs for potential paintings. The objects in those designs are chosen as carrying an emotional charge, making them personal and immediate to me, which changes the way in which I would paint them.

These objects and models must be carefully found and worked on, adjusted, painted, dressed, aged and prepared so that they resemble my original early memories. This is my only way to preserve authenticity.

I use mixed perspectives, combining optical perspective with Early Renaissance perspective so as to provide a foundation of “flat truth“, flat so as to abide by the inherent truth of the flat canvas.

Given my desire for mixed perspectives, I must now rely on photographs of the models and objects in the paintings, so as to combine different viewpoints on each object creating my chosen “flatness”.

I make a black and white photo montage from which I must now work meticulously, attempting to convey every surface, both visually and emotionally, because the original childhood emotions can only survive into paint via the textures and appearance seen at the time of the original emotion.

That is, I do not regard my paintings as “art“ in the normal sense, since I never start out to make art, but instead to mine feelings and experiences from my childhood, as if those early experiences were an emotional quarry.

This cannot be defined as Realism, since my mixed perspectives deviate so radically from the images found in the camera and on the human retina. At worst, it could be termed “emotional realism”.

A MULHER QUE ESCONDEU O FOGO

Num tempo sem tamanho e sem fim, os kadiwéus viviam vagando pelo Chaco Boreal atrás dos rebanhos de cervos e tocaiando borevis. Manteavam as carnes com facas de osso e pedra, punham-nas para desidratar ao sol em longos roletes, ditos *cecinas*. Foi nessa tribo – quando estavam acampados perto da montanha Nogená – que nasceu a linda Kalina Netaika, na verdade bisavó da bisavó da índia Lourença, entrevistada e amante do antropólogo Olem Ruiz. Mas vamos aos fatos... (senão ficaremos apenas arrodeando o umbigo do ego dele).

Naqueles idos, os deuses ainda desciam da Lua para a Terra, e Goenohodi era ainda uma lembrança amarga entre o povo guaikuru que se lamentava e pedia mais favores ao deus Jaguaretê, o jaguar que de tempos em tempos descia da Lua para assuntar e fiscalizar o povo filho do Carancho. Via o que comiam, como caçavam, pescavam – se dançavam e celebravam os deuses de forma correta. Se seguiam e respeitavam aos Nijienigis, sacerdotes sagrados e elo entre o povo e os deuses, espíritos...

O Jaguaretê sentia que os kadiwéus não dominavam o segredo do fogo, porém algo lhe dizia que ainda não era a hora de revelar tal epifania e, sendo assim, sempre que por aqui descia, deixava o fogo lá no alto, bem guardado na Lua.

Foi então que numa dessas andanças aqui na Terra, veio o deus Jaguaretê se encantar com os encantos da dionisíaca Kalina Netaika. Deveras formosa, silfídica, de pele cor de âmbar achocolatado, cabelos negros, finíssimos, sempre odorando a malva ou resina de casca de bálsamo; olhos de corça assustadiça, mas de piscar sonolento e desprotegido... Foi demais até para um deus a visão daquela simples mortal. As descidas do divino se tornaram-se mais frequentes, a fiscalização menor, os interesses por outras tribos e localidades quase nulos...

Então, o sabido do Nijenigi dos kadiwéus tudo percebeu e orientou Netaika para conquistar os favores do deus. Esta se pôs mais bela e formosa: untou a pele acobreada com óleo de caroço de pequi, fez sugestivos e ingênuos rabiscos nos braços e rosto com nibadena, deu mais brilho aos cabelos com óleo de namacolli. E seguiu à risca os conselhos do feiticeiro Xavé, de não ceder senão na casa dos deuses, lá em cima, na Lua. Tantos foram os passeios, as conversas, os dizeres poéticos, alvoreceres e crepúsculos junto da inabalável Kalina que o Jaguaretê decidiu levá-la consigo para dar pleno saciar ao desejo de ambos. Foram.

Subiram no dorso dos alados cavalos, que era como se ia pra Lua. Lá chegando, prepararam um festim com bebidas de frutas, carne assada e deliciosos caldos, pois o deus Jaguaretê tudo fez para bem agradar e enternecer sua adorada Kalina. Dançaram, comeram e beberam, depois se amaram com a fúria dos apaixonados. Esvaído em suas forças pelo prazeroso combate, Jaguaretê adormeceu ao lado de sua Kalina Netaika e, quando despertou, viu contrariado que quase passava da hora de trazer de volta para sua tribo a fêmea de seus desejos. Cuidadoso, obrigou-a a ficar nua para observar se não havia roubado o segredo do fogo, mas não, nada parecia indicar que a inocente Netaika tivesse ludibriado os deuses...

Quando a noite chegou, o Jaguaretê não pôde crer no que viu lá do alto! Os kadiwéus dançavam e cantavam em volta de uma fogueira repleta de espetos com carne de anta e cervo, bebiam às tantas o embriagador cauim... Buliam seus maracás. Netaika havia escondido uma brasinha nas entrepernas e furtara o fogo dos deuses!

Arrependido e desolado, Jaguaretê condenou todas as mulheres a sangrar, a cada ciclo lunar completo, o esconderijo da brasa que, dali por diante, teria um aspecto de pele queimada... Os deuses ainda proibiram o contato com os humanos e prenderam todos os cavalos com asas na Lua, deixando na Terra apenas os equinos de patas. Enraivecido pelo engano, Jaguaretê rolou sobre o borralho da fogueira da qual Netaika pegara a brasinha, rosnando e uivando sua dor de deus decaído; por isso, o amarelo cor de mel de seu pelo tornou-se todo sarapintado de preto.

Até hoje, tempos depois que os deuses mandaram para cá o Jaguaretê, os kadiwéus olham pra Lua e veem um cavalo com asas como o que levou Kalina para lá – de onde voltou com o fogo escondido – e por isso eles logo se afeiçoaram e amansaram os cavalos trazidos pra cá pelos brancos.

James Jorge Barbosa Flores
Jaminho é natural de Guia Lopes da Laguna MS, onde nasceu em 08 de janeiro de 1965, capricorniano com ascendente em aquário; escritor, professor e jornalista, pesquisador da história e cultura do Mato Grosso do Sul que transforma em relatos ficcionais, versando sobre os elementos culturais identitários e simbólicos do MS. Já publicou dois livros pela Editora Telha, outro pela Chiado Books. É membro da UBE-MS.

J. J. Garcia
Nasceu em Guimarães, Portugal, em 1959. Arquitecto, licenciado pela Escola Superior de Belas Artes do Porto. Sobre algumas das suas obras de Arquitectura a editora italiana Tre Lune Edizioni publicou a monografia A Tentação do Traço, em 2004. Tem publicado artigos de opinião sobre urbanismo, política local e nacional na imprensa local e regional. Publicou o romance Nuvem de Fumo, na editora Cão que Lê, em 2009. E o livro de poesia Vinte e Dois, na Poética Edições, em 2016. No prelo, com a BlueBook, o livro de poesia "O Percurso da Sombra", que será publicado no verão de 2021.

EM ACERTO DE DISTÂNCIAS

Falo-vos de uma espécie de cidade,
de reciprocidade.
Praça com cores solares
onde também se mora com chuva e se dança.
Margens que não comprimem à espera de rio,
e castelo de moiras encantadas.
Cidade rectângulo em tamanho de país
que sabe ser jangada,
e também seara sem medo de ventos.
Colina em cantiga de Dinis e rosas em regaço.
Sinfonia do mar nos ouvidos de um búzio,
e livro nas manhãs,
que, mesmo quando triste,
amanhece,
e se reconhece no cristal do olhar
que nos acontece.
Aguarela de permanência que liga emoções
às circunstâncias do encontro…
Força e armadilha do encanto sem prisões,
descoberta, êxtase, e por uma vez decepção…
Amigo é tudo isso:
Inventor de inesperados quando a solidão esmaga.
E é muito mais que isso,
sempre que alguém é cidade,
se veste de rio,
de castelo,
de país,
de cântico e de livro…

Li, procurei definições…
A amizade vive-se dentro do verbo sentir,
não se escreve nem se entende.
O tempo corre à velocidade de um relâmpago,
nada o faz ficar.
A amizade é o acerto das distâncias
e não se é sozinho, nem a morte acontece,
quando se tem um amigo
e se soltam navios rumo às terras por achar.

LÍRICO ONÍRICO.

Risco, rabisco e cisco
palavras amontadas
em frases tão desconexas,
complexas, sem fins,
sem finalidades,
de verdade só tem o nome
e uma fome
de poder significar,
ficar no signo da vida,
vida/morte no matar,
por sorte, sair ileso no tráfego impublicável,
miserável e inesgotável
desse verbo navegar.
Destruo as frases fugazes
e os cartazes
que anunciam
e prenunciam o desfecho
do fechado mundo mudo,
tão imundo e vagabundo,
soturno e meditabundo
e dele só vão saindo
essas coisas tão inúteis,
fúteis e tão perdidas
que depois de consumidas
sumiram, desapareceram
das pratas das prateleiras,
só ficaram as asneiras,
ou asnos em dianteiras,
dia todo e noite inteira.
Falta palavra que fala,
discute ou fica calada,
palavras palavreadas,
cantadas e decantadas,
ameaçadas de verde,
desse verde de verdade,
do verde vida da tarde,
que entardece amanhecendo
e escurecendo não arde.
Debaixo da prateleira,
da praia onde a oleira,
oleando sua lida,
aquece a lida da vida,
ávida de viver,
desde cedo, ao amanhecer,
enxerga o cego na enxerga,
em cerda de pelo liso,
aliso devagarinho
construindo meu caminho
na caminhada do dia,
onde está minha alegria,
não a perdi de verdade,
se não fosse meio-dia
ou no anoitecer da tarde.
Calado fico em silêncio,
um silêncio sem alarde,
por isso fico calado
e calo em sinceridade,
idade sim, só idade,
quero ver se vejo a noite,
a noite ao meio-dia,
ver a lua nessa noite.
Afoito fico nervoso
e meu nervo tão raivoso
espanta o meu caminhar,
nesse caminho de sonho
não consigo mais sonhar.

José Pedro Rodrigues Gonçalves
É médico, escritor e poeta que observa com rigor o que escreve, numa demonstração de responsabilidade pela qualidade quase poética daquilo que produz. Em *Tragicomédicas*, seu primeiro livro, resgatou as histórias de seu tempo de estudante de medicina no Rio de Janeiro e de parte de sua vida profissional em Cuiabá. Em *Bauxi* reconstruiu poeticamente a cultura rural do interior de Mato Grosso em meados do Século XX. Em sua terceira obra assume o lado cientista, em um livro de textos que trata do cuidado com a vida. *Da Cura para o Cuidado* apresenta uma nova forma de olhar a atenção à saúde, lançando luz sobre as vulnerabilidades humanas, *locus* originário do adoecer humano. Agora, em *Lavapés*, resgata um Bairro esquecido, um dos berços da cultura, das artes e do esporte em Cuiabá durante o Século XX, mostrando a origem real do seu nome, a fonte que, embora aterrada pelo asfalto, ainda permanece em silêncio, aguardando o seu ressurgimento naquela mesma esquina.

Ao redor o peso. O peso é adquirido.
Fechamos os olhos,
Não porque queremos dormir
Porque de fechar os olhos
Encerramos o tempo.
Fechamos os olhos
Não porque queremos sonhar
No sonho trabalhamos duro
No trabalho estamos sonhando
Fechamos os olhos para contar do que vemos
O corpo dentro de uma sala vazia
A sala vazia dentro de um corpo

O que vejo não precisa de organização
Pode o nome estruturá-lo
Pode o nome destruí-lo
Pode o nome suprimi-lo
O nome sempre o desorganizará
O que eu vejo não precisa de tradução
Pode o tom reduzi-lo
Pode o tom satura-lo
Pode o tom conduzi-lo
O tom sempre o distorcerá
Não há paz para a língua dos homens
O fim do mundo resta com as palavras

Karine Padilha
Vive em Florianópolis SC e é graduanda em psicologia. Atualmente trabalha com psicologia e arte, realizando pesquisas e prestando atendimentos psicológicos no CEPSI- Centro de Estudos e Saberes Psicológicos da Faculdade CESUSC (Florianópolis SC). Em 2017 escreveu o livro LUGEO, que integrou a XI Entremostras da Fundação Cultural BADESC (Florianópolis, SC). De 2017 a 2018 participou ativamente do programa radiofônico Quinta Maldita, um programa de performance artística organizado pelo músico e literato, Demétrio Panarotto. Em 2021, expôs o auto-retrato Desaparecendo/Disappearing no Mostra Museu (São Paulo, SP).

Klaus Henrique Santos
Reside em Sinop-MT e é membro da Academia Sinopense de Ciências e Letras (ASCL), nela ocupando a Cadeira 10, cujo patrono é Jack Kerouac. Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo. Publicou Páginas da Escuridão (2012), Enfim, a estrada (2014), Horror & Realidade: contos (Carlini & Caniato Editorial, 2015), No Compasso da Loucura (Carlini & Caniato Editorial, 2017) e A poesia mora no bar (Carlini & Caniato Editorial, 2018).

A CARONA

Uma mosca estava boiando no copo de cerveja. Ele a observou morrer ali dentro. Não importava que ela estivesse ali. Continuou bebendo, mas tendo cuidado para não engoli-la.

Sempre parava para beber no bar em anexo ao posto *Texaco*, que ficava próximo à entrada da cidade. Na maioria das vezes ia acompanhado dos amigos, mas não naquela noite. Já estava na terceira garrafa de cerveja e os reflexos dos carros que passavam pela rodovia o deixavam cada vez mais ansioso.

Não foi a decisão mais fácil que já tomara, mas com certeza seria a melhor de todas. É bem provável que naquele dia é que nascesse verdadeiramente e a mosca via tudo ali de dentro do copo.

O trabalho e a vida medíocre naquela cidade roubaram-lhe um tempo precioso da juventude. Já poderia estar na estrada há muito. Havia pedido demissão recentemente e ainda tinha algum dinheiro, embora não o suficiente.

Não tirava os olhos de um *Monza* preto em que um estranho acabara de chegar. Estava sentado próximo a ele e também tomava cerveja. O carro estava todo enlameado e não era possível ler a placa, mas tinha a impressão de avistar um motorista lá dentro, que o observava.

Pediu mais uma cerveja. Tomaria aquela e então daria um jeito de iniciar a viagem, nem que fosse a pé. Por instantes duvidava de si mesmo, que por fim tomara coragem para realizar o grande sonho. Mas agora não voltaria mais atrás, não passaria o resto da vida naquele lugar. Só tinha aquela vida e não a desperdiçaria.

O impulso que faltava ocorreu meses antes, quando levou consigo o livro que um hippie deixara ali no bar do posto. Era um exemplar muito velho de *On The Road*. O enredo lhe fez refletir sobre a estagnação que o dominava. Por isso teria que agir logo, conhecer o máximo de lugares e pessoas possíveis. Iria seguir sem destino, deixando que a estrada o levasse. O falecido astro de rock estava certo: 'É melhor queimar de uma vez do que se apagar aos poucos", falou em voz alta.

O estranho que se levantava naquele momento, olhou para ele e sorriu.

- Precisa de carona amigo? Vejo que está de partida – disse o homem, apontando para uma mochila que estava no chão.

Não podia acreditar em tão providencial convite. Aquele fora mesmo o dia certo para iniciar a viagem.

- Preciso sim. Vou para o sul.

- Então entre aí. Preciso rodar uns quatrocentos quilômetros ainda esta noite.

Tomou de um gole só a cerveja do copo e desta vez engoliu a mosca.

O estranho quase não conversava. Não dizia o nome e nem para onde estava indo. Falou apenas que estava com pressa e dirigiria a noite toda, sem fazer paradas. Mantinha o olhar fixo na estrada e as luzes verdes do painel deixavam o seu rosto com um aspecto assustador.

O aparelho de som do carro aparentemente estava estragado e aquele mortal silêncio do motorista o deixava apreensivo. Já ouvira falar em muitos psicopatas que esquartejavam suas vítimas após pedirem ou darem-lhes carona. Não se importava em morrer na estrada, mas não queria que fosse daquela forma. Subitamente, como se o motorista pudesse ouvir os seus pensamentos, tirou do bolso um maço de cigarros e ofereceu-lhe. Disse ao estranho que não fumava e ele então explodiu numa gargalhada. Ficou um tanto constrangido com aquela atitude. Teria ele visto o maço de cigarros que tinha no bolso da calça?

Depois de fumar o cigarro, o estranho começou a suar, mesmo com o ar condicionado do carro no máximo. Começou a diminuir a velocidade e acabou parando no acostamento. Tentava falar algo, mas não conseguia. Por fim, caiu morto com a cabeça no volante, acionando a buzina.

Colocou o corpo do estranho no banco do carona e assumiu a direção. Acelerou o carro ao máximo, aproveitando que a estrada estava completamente deserta naquela noite.

Dirigiu por quase uma hora, até avistar as luzes de um posto de combustíveis. Pôde ver de longe o luminoso da *Texaco*. Ao se aproximar, qual não foi o seu espanto em reconhecer o lugar. Era o mesmo posto do qual há algumas horas partira juntamente ao estranho. Parou o carro no estacionamento do bar, olhou para o corpo ao seu lado e não viu nada. Não havia corpo, o estranho não estava mais ali. Desceu do carro e então viu o estranho sentado numa das mesas bebendo cerveja. Estava só e com uma mochila ao seu lado.

Viu quando uma mosca caiu no copo de cerveja e o estranho ficou observando-a morrer. Não podia acreditar em seus olhos. Sentou-se próximo ao estranho e pediu uma cerveja. "É melhor queimar de uma vez do que se apagar aos poucos" falou o estranho. Aquilo era demais. Levantou-se e sorrindo para o estranho perguntou-lhe: Precisa de carona amigo? Vejo que está de partida...

POETAS

quando eu crescer desta
pra próxima encarnação
quero escrever(sos)
que nem nicolas behr.

não quererei mais
bandeira e drummond
quintana e leminski
... talvez só oswald.

e pode ser também
que peça uma ajudazinha
pra ronaldo de castro.

sabe como é:
encontro marcado
com rimbaud, chopin, van gogh
e são francisco de assis;
não é porre que acontece todo dia

OUÇO DIZER

definir com palavras
o instante já da emoção
que nos rega a vida
é coisa que não floresce
a cada primavera.

esse diálogo,
essa transparência que transcende,
eu ouço dizer
que é o dever de casa
dos poetas.

essas pessoas estranhas
que parecem não ter o que fazer.
estrelas cadentes
do céu da boquiaberta
humanidade.

o poeta
é o bicho papão da razão.

Lorenzo Falcão

"Nasci inexplicavelmente para ser poeta", reconhece Lorenzo Falcão na breve biografia que acompanha "mundo cerrado" (assim mesmo sem maiúsculas por opção do autor). "O cerrado é meu lar e a poesia, o meu mundão sem porteira", conclui o jornalista, que nasceu em Niterói (RJ), mas cresceu em Mato Grosso, "entre barrancos, pedras e sombras", e trabalha há muitos anos como jornalista na área de cultura.

Luciene Carvalho
A escritora é corumbaense, vive em Cuiabá, no Estado de Mato Grosso/BRASIL - desde 1974 - tendo já recebido o título de cidadã cuiabana. É membro da Academia Mato-Grossense de Letras/AML. Entre as obras poéticas publicadas, citamos: Aquelarre (2007); Insânia (2009); Ladra de Flores (2012) e Dona (2018).

Creio
Ser chegado o momento
De enxergarmos
Que de espontaneismo
Não se faz o movimento
Há que se estar
Atentos
Atentas
Nossa arte é tanta
Tanta
Mas também tem anta
Bem ao lado
Tem gado
Tem tipo
Que acha
Que é só pegar
O bereré
Sabe comé...
À fundo perdido
Acha que artista
É tudo fudido
Melhor afinar o ouvido
Aqui tem até quando
Tem jamais
Tem ancestrais
Tem cultura raiz
Cicatriz
E até patente
Tem ciclo
E fim de ciclo...
Saldo bancário
Salário
Não garante voz
Quem não tá entendendo do que falo
Menos entenderá do que calo
Ou não
Entendedores entenderão
Nós olhamos tudo
E guardamos
O mover do jogo
Pra que lado vai
Somos mais que partido
Edital
Nota fiscal
Emenda parlamentar,
Somos a arte
O que parte
Somos cultura
O que costura
Somos mais que classe
Somos seiva
Melanina
Epiderme
Percebemos
O tosco
O verme
Se eu ainda não disse
Digo
As vezes mimetizamos
Numa falsa tolice
Porém
Estamos juntos
Atentos e desarmados
Somos a memória
Uns dos outros
Sem que nada se revele,
Tá tudo tatuado
Em nossa pele

olha acima: é lá que habitas
olha pra baixo e verás tua
casa - preso entre paredes
e aerado como nuvem pesada
(por quantos anos essa subida
íngreme e esse declive veloz e
com frio na barriga. quantos
anos de escadas e quedas
estradas pavimentadas e
trilha entre as macegas) não
estás sozinho, porém. olha
os comprimidinhos que te
acenam, ouve o relógio que
apita, sente a calmaria também.

o que há por trás do teu
dia que não seja noite apenas
haverá horas amenas por
trás do que é o certo e do que
é o esperado? se não mentem,
o que há mais por trás de tuas
lentes e não pode ser alcançado
- olhos que olham outros olhos
entre embriagados e fugitivos
entre receosos e prestativos -
entre um piscar e outro ainda
continuam ali, me olhando, porque
é dia, porque faz inverno, apesar do
inverno, apesar da tela fria.

Marcelo Labes
(1984) É natural de Blumenau e reside em Florianópolis-SC. É autor, dos romances Três porcos (Caiaponte, 2020) e Paraízo-Paraguay (Caiaponte, 2019) e dos poemas de Enclave (Patuá, 2018).

A IDENTIDADE MARGINAL

Nós – artistas, poetas, pensadores
– somos os nômades das dimensões estranhas... atravessamos as barreiras do tempo e da bonança, e visitamos incríveis regiões distantes.

Nós - os viandantes dos sonhos e da memória
– rompemos fronteiras e os muros dos medos e das rotinas, viajamos por oceanos e caminhos, cavalgando em corcéis ou barcos de visões e profecias!

Nós - artistas, poetas, pensadores
– os sempre ansiosos loucos e felizes somos os marginais das civilizações sombrias - rompendo as regras e prisões malditas.

Nós - artistas, poetas, pensadores
– os ciganos dos séculos e dos símbolos, criadores das formas e matizes, os cantores das paixões e cicatrizes.

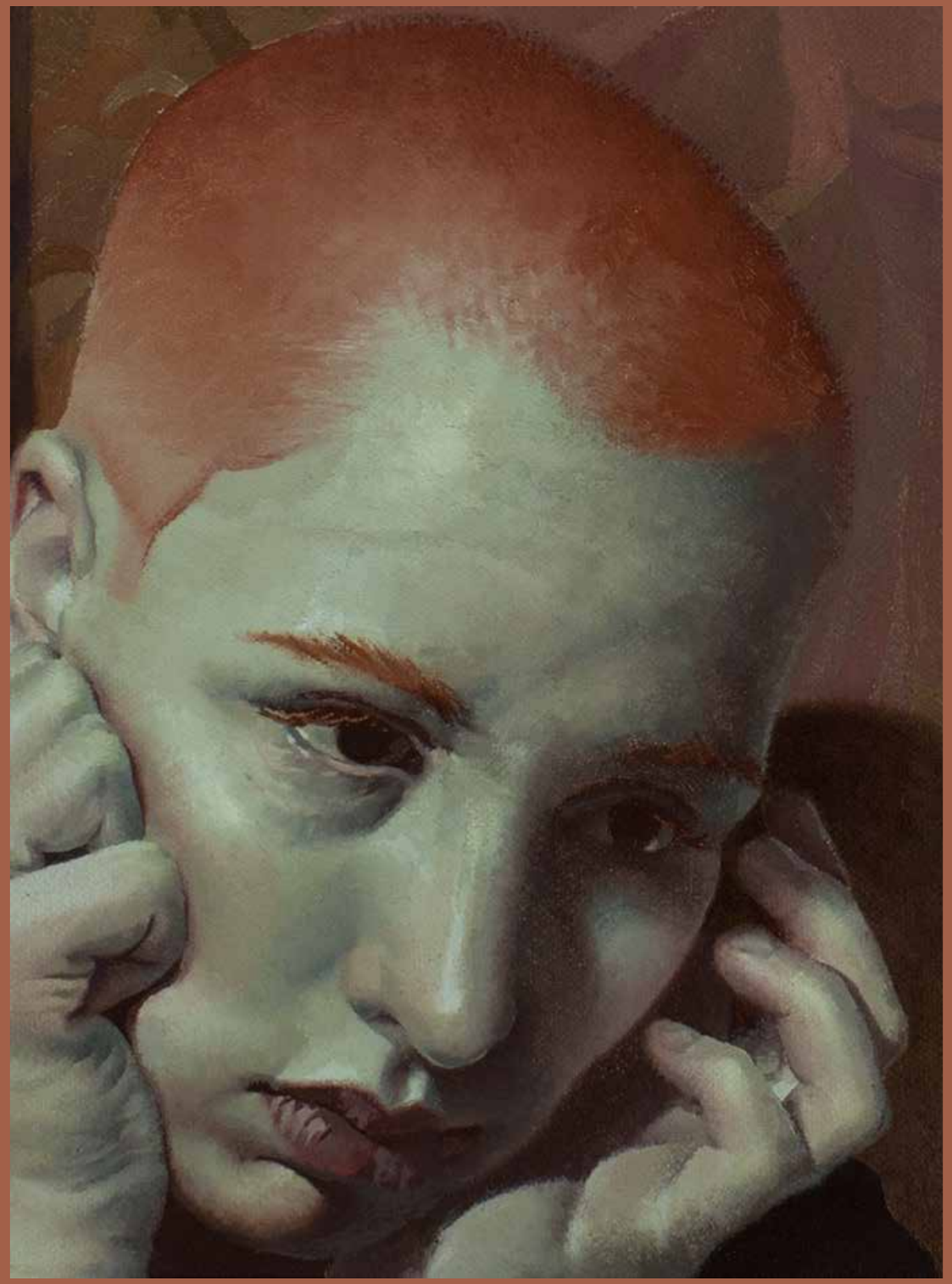
Nós - artistas, poetas, pensadores
– os xamãs das lendas e magias, tocamos nos territórios sagrados da existência e mergulhamos na essência das raízes.

Nós - artistas, poetas, pensadores
– construímos no palco das épocas, a linguagem escancarada dos tormentos e a canção rebelde dos sensíveis.

Nós – artistas, poetas, pensadores, criadores das auroras e desafios, tecemos após as noites de agonias, a hora solar da nossa enorme vontade de ser livres.

Nós – artistas, poetas, pensadores - traçamos com nossas mãos e teimosias, as palavras em chamas da verdade e os gestos de criação e ousadia

Marilza Ribeiro
Nasceu em Cuiabá, em 27 de março de 1934. Graduou-se em Psicologia, pela Faculdade de Ciências e Letras São Marcos, em São Paulo - SP. Foi presidente da Associação de Mulheres de Mato Grosso. É escritora e desenhista. Foi homenageada na Literamérica (2006), em Cuiabá-MT. Diversas vezes premiada, publicou seis livros de poesia e possui mais cinco inéditos.



BIBLIOTECA

Das zombarias, das maldades
Quis refúgio, para lá de Drummond
E mais para cá de Manoel de Barros.
Pois peguei gosto!
Sei onde quero estar:
Na alameda dos livros,
A plantar palavra camomila,
Versinho boldo,
Rima cidreira,
Quem quiser visitar-me, ofereço
Amorosamente, chacobolo.

CIDADE

Na selva de concreto,
Monocromática, cinza e gélida,
A vida corre feito bicho
E o velocímetro não a mede.

STOP

A vida parou
Ou foi o plano de dados?

MOMENTOS

Carimbar.
Carimbar.
Carimbar.
O tempo é fugaz;
Entre a tinta e o papel,
Pelas folhas do calhamaço,
Nas frestas do labor,
O ponteiro corre, corre.
Carimbar.
Carimbar.
Carimbar.

Marina Taborelli e Silva
Nasceu em 1999, cuiabana de tchapa e cruz. É bacharelanda em Direito pela Universidade Federal de Mato Grosso. Tem participação na coletânea Esperança Cercada - Cadernos Marginais de Filosofia, Literatura e Direitos Humanos [v. 1], Editora Fi.

ANTES DO SONO

Um grilo, na noite,
assusta meu modo de parar
os olhos no nada
por muito tempo
por pouca coisa
ou coisa sem medição.
O corpo ajeita o peso
sobre um sofá
que me suporta com desconfiança
enquanto o pensamento vai às ruas
grita, canta, chora
entra nos recintos doentios e febris
de uma cidade que é outra
quando alguns movimentos repousam.

Começam a doer as articulações
quando o susto me retorna à atividade
de levar o corpo para a cama
e para o *gran finale*
de um dia de poeira calor
pernas em aceleração
coração e boca
em estado de coma.

Marta Cocco
Marta nasceu em 18/09/66 em Pinhal Grande-RS, veio para Mato Grosso em 1992 e atualmente reside em Tangará da Serra. É professora de Literaturas da Língua Portuguesa da UNEMAT, Doutora em Letras e Linguística, membro da AML e autora de 11 livros.

TRAUMA DE GUERRA

Bem, será que vão estar lá ainda? Não sei, linda. Elas só voltam à noite.

Benjamim girou a chave. Antes de acender a luz, bisoiou o interruptor. A sala e a cozinha se iluminaram, e "Bem" entrou na casa. As duas gatinhas logo se chegaram, arrastando-se na perna do dono. Barra limpa. Maria segurou a bolsa contra os seios e pisou com um pé para dentro da casa. Seus olhos correram pelo piso. Nenhuma sujeira, nenhuma mancha pregada no branco dos azulejos. Melhor que isso: nenhuma mancha "correndo" pelo chão ou pelas paredes. Parece que a dedetização começou a funcionar...

Maria jogou a chave do carro sobre a mesa de cabeceira. Ela entrou no banheiro, olhando-se no espelho. Vamos dormir logo, hein. Nada de safadeza. Horas depois, Benjamim continuava procurando uma posição confortável. Olhou para o teto, cujo branco não lhe dava sono, contou carneirinhos, e nada. Olhou para a mulher, que usava o próprio cabelo como tapa-olhos. Quer saber? Vou beber uma água.

Era início da noite. Na cozinha, pegou a jarra d'água mais fria e olhou pelo corredor. Maria não estava, então ele verteu a água na boca apressadamente e guardou a jarra. Engolia o líquido em transe, desapercebido do mundo. De repente, a máquina de lavar se move com grande estrondo. Jesus, que isso? Sua boca sorria, mas seus olhos choravam. Virou-se e deu o primeiro passo para correr, mas logo parou.

Na soleira da porta pela qual entrara, uma barata o encarava. O inseto o provocava com aquelas anteninhas inquietas e desaforadas. Benjamim podia ouvi-la xingando sua mãe. Ele arrancou o chinelo do pé e desferiu um golpe, mas era noite de sorte do artrópode. Escapou lisa como sabão e correu para debaixo do armário. Benjamim estendeu o chinelo até lá, mas o Usain Bolt da classe *insecta* desapareceu. Que isso, amor? Maria acordou sobressaltada com o barulho da chinelada. As gatas se escondiam atrás de suas pernas. Ela escapou!

Maria chutou a canela do marido às cinco horas da manhã e foram preparar o café. Esfregando a cara, ela meteu uma mão para dentro da cozinha e vasculhou a parede em busca do interruptor. Quando as luzes se acenderam, um som crocante na sua mão acordou o casal na hora! Maria gritava e sacudia a mão com os restos de barata amassada. Havia baratas por todo lado.

Os dois se armaram de chinelos e travaram brutal batalha pela soberania da cozinha. O resultado foi horrendo. Algumas baratas certamente receberão homenagens póstumas em sua nação pela bravura de tentar subir nas pernas do inimigo. Outras viverão em eterna desonra por terem batido em retirada ser ter lutado.

É sempre a mesma estratégia. Elas somem durante o dia e voltam na madrugada. No dia seguinte, quem deu a primeira chinelada foi Maria: Olha só. Eu estourei essa aqui, e continua mexendo as antenas. Tem que ser na cabeça. É como um zumbi. Pois eu vi um documentário ontem dizendo que elas são os únicos seres vivos que sobrevivem a uma hecatombe nuclear. Cacete! E o que é que colocam no inseticida então?

No dia seguinte: Bem, que tal se a gente for embora e deixar as gatas tomando conta da cozinha? Coitadas. Não! Por que não? Elas vão morrer de medo. Elas vão é evoluir e aprender a usar armas de fogo. Com licença!

Mais uma barata morria. Benjamim já estava especialista em chinelada a distância.

Os dias que sucederam amanheceram assim, até que, sem motivo, a paz voltou a reinar. Nunca mais aceitaram visitas antes das sete da manhã. Nunca comentaram sobre isso com os vizinhos. A carnificina que se operava nas madrugadas era segredo absoluto que guardavam. De vez em quando, uma simples tampa de garrafa caída no chão no escuro já lhes causava *flashbacks* da guerra. Qualquer ventinho que roçava as pernas lhes dava calafrios. A paz nunca mais os enganou. Após anos de casados, com o primeiro filho já crescido, recusavam-se a responder à pergunta: Pra quê serve esse chinelo na porta da cozinha? Deixa, filho. É pra quando precisar.

Mateus Elias
É graduando em engenharia civil, influencer, youtuber, faixa preta de karatê, tocador de viola de cocho e escritor. No canal "Xomano do Saber" fala de literatura e de cultura mato-grossense. Publica seus textos no blog "Memórias do Xomano" e é autor do livro de poesias "Cada Memória Vivida". É autor de letras de canções em Portugal pela Rausstuna. Nasceu e mora em Cuiabá.

ENTARDECER NA BR 364

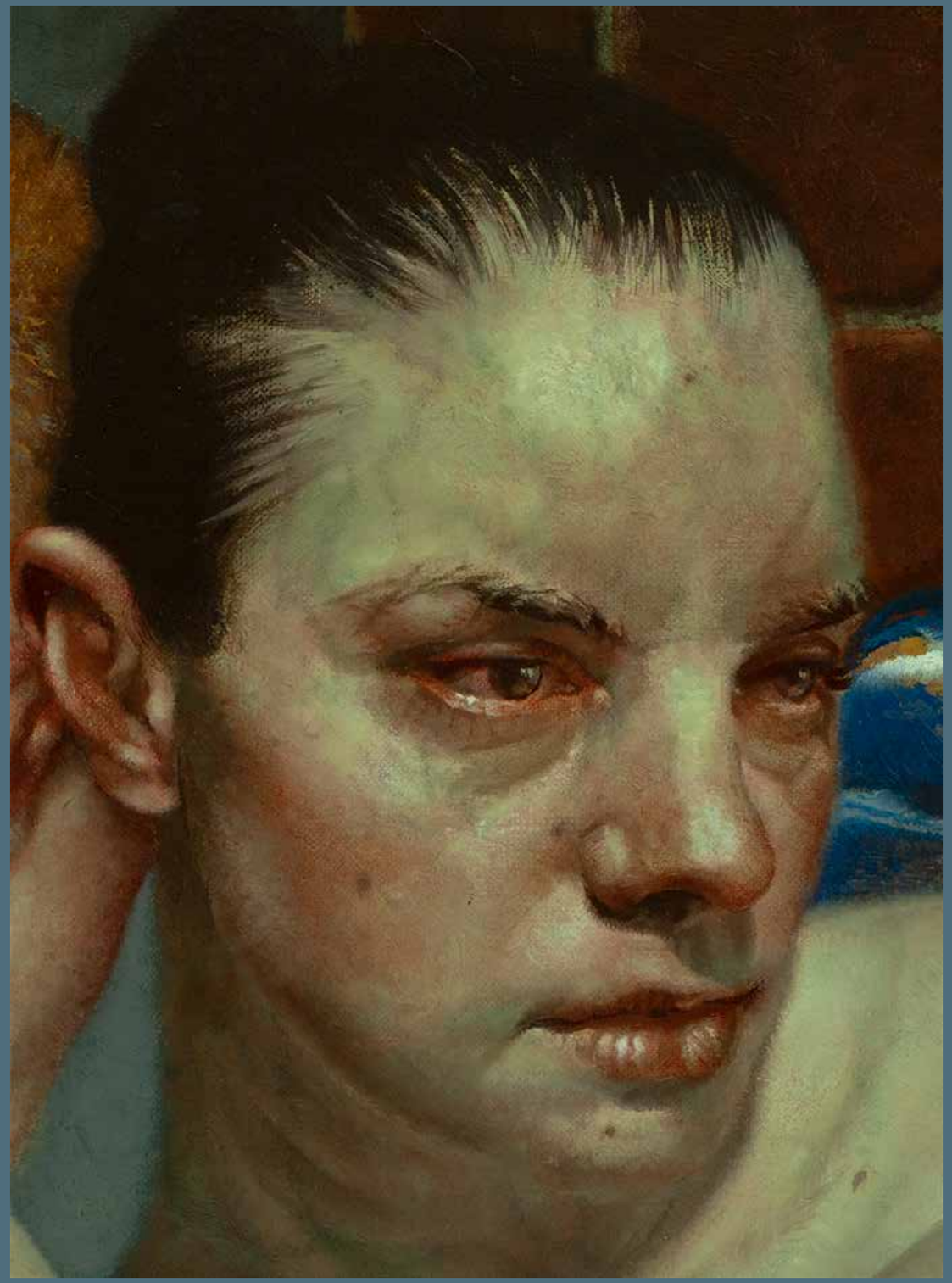
luz de lâminas iluminando o asfalto
flashes afoitos colheitadeiras
vozes velozes que se embrenham e somem
entre ramagens
com estrépito

a aflição pede carona à beira da estrada sôfrega:
braços erguidos e seios à mostra
úmidas axilas
quase sem pelos
empapadas de suor
capim crestado
bocas famintas recolhendo latinhas donzelas
debochadas
sob a luz trôpega do ocaso

asas quebradas
que acenam insistentemente

caminhoneiros petrificados
feridos no olhar castiço
e os raios dos faróis incinerando
esta página precoce

Odair de Morais
(Ôda), cuiabano, autor de Contos Comprimidos (Multifoco, 2016) e do volume de haicais Instante Pictórico (Carlini & Caniato, 2017).



SEPULTURA

A Eduardo Mahon

O sol castiga a pedra mas não a apaga
O sol castiga a flor mas não a mata
O sol castiga a mão mas não a remove
Carrasco das coisas findáveis
Se é que mão
Se é que flor
Se é que pedra
Findam.

A mão que carrega o caixão
É a mesma que se despede
É a mesma que cuida da pedra
É a mesma que planta a flor
E a mesma mão também empunha a pedra sob a folha em branco
A mesma.

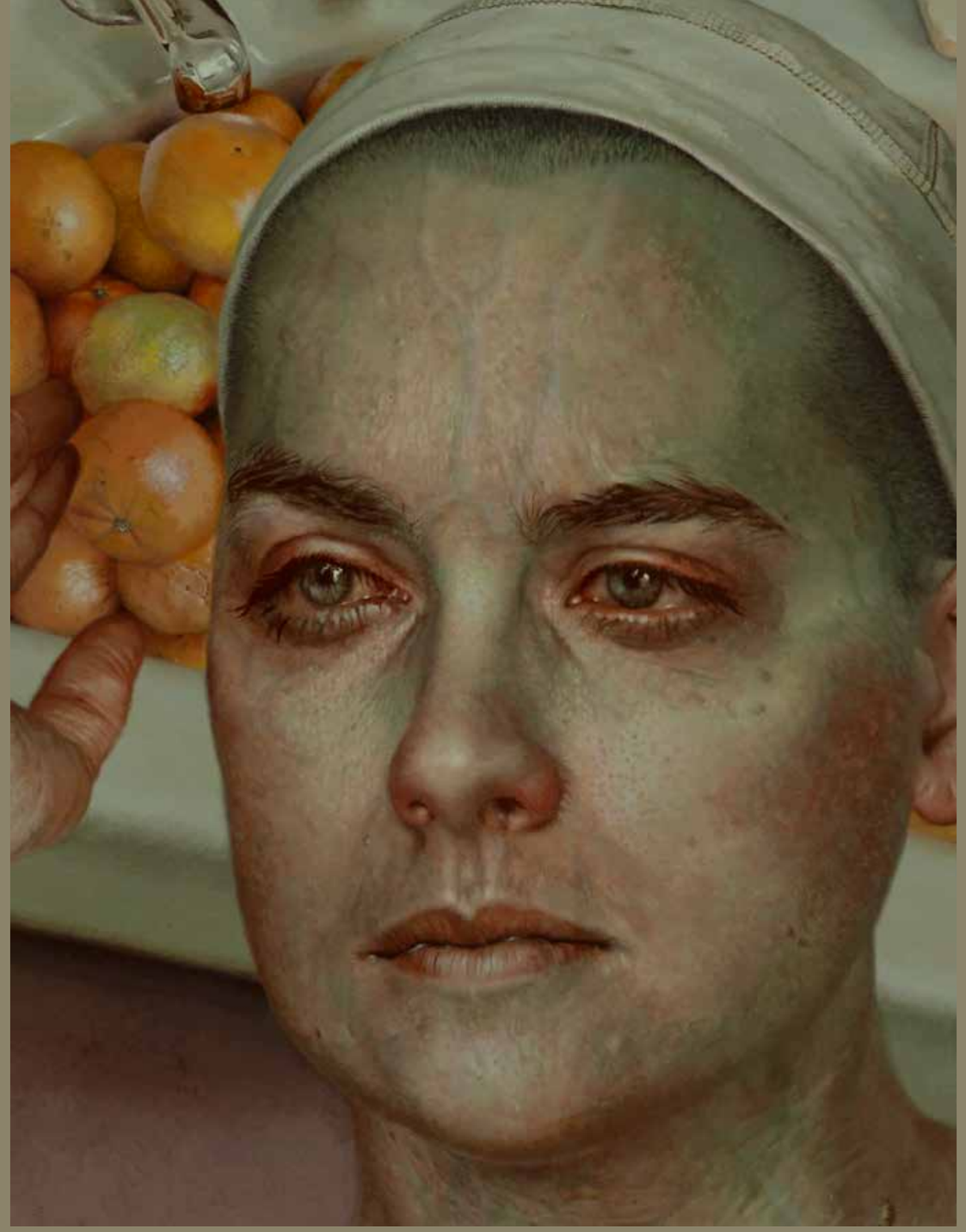
Uma mulher a poucos metros
Intacta, dura e intratável
Se despede de sua mãe
Todos os dias
(teu choro silencia o sol, emudece a pedra)
Todos os dias.

A mão carrega a flor
A flor carrega a pedra
E a pedra, se é que pedra pode ser
É sepultura
E a sepultura, se é que sepultura pode ser
É sol
(não aquele que castiga)
(mas aquele que aquece)
Testemunha ocular da saudade e do sono
De todos aqueles que adentram a pedra.

Pablo Rezende
É filho de dona Ilda, poeta e professor de Língua Portuguesa, Literatura e Redação da Rede Pública do Estado do Mato Grosso. É graduado em Letras – Português/Inglês pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e Mestrando em Estudos Literários pela Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT). É autor do livro O dever e o haver, publicado pela Literata, em 2011. Têm poemas publicados em várias antologias poéticas nacionais e internacionais.

NOME AOS BOIS

por serem de paz
os bovinos
não têm nome de guerra
têm sim nome de garra...
boi de corte
mesmo sem sorte
é boi de pé...
qual boi carreiro
e seus pais e irmãos de rebanho...
são bois de verdade
nem nelores nem piores
que o boi careta
aquele boi... boi...
que não tem máscara preta
e que sempre acalenta anjos...
já os bois anônimos
[de gordas arrobas,
rombos e arrombas]
ruminados ao bel-prazer
das codificações,
aparecem só eventualmente...
quando alguns outros
desmamados
e em confinamento
buscam recompensas
e assim dão-lhes os nomes:
bois desmascarados,
semens nus
sem menus
|seminus|
desgarrados,
bel-zebus...



Rubenio Marcelo
É membro efetivo ocupante da Cadeira 35 da Academia Sul-Mato Grossense de Letras, da qual foi secretário-geral e atualmente é diretor cultural. É membro correspondente da Academia Mato-Grossense de Letras. Poeta, escritor e compositor, possui treze livros publicados (3 em coautorias) e três CDs – uma de suas obras mais recentes: o livro Vias do Infinito Ser (poemas) está indicado para o Vestibular 2021 da UFMS.

CONSELHOS A TROCO DE NADA

Num dos cruzamentos a caminho de casa, percebo um homem parado na esquina seguinte tirar a mão do bolso pra checar as horas. Algo no jeito que se mexe me parece familiar. Atravesso a faixa, e quando passo na sua frente, ele diz

Rodrigo.

Meu nome. E me acompanha.

Sei que você acabou de sair da faculdade e tá indo pra casa. Vou junto, é rápido. Não se preocupa, não sou ladrão, não quero vender nada. Preciso te contar uma coisa ou outra.

Continuo andando. Ele volta a checar as horas.

Olha, eu pensei muito no que devia te falar aqui e agora, quando te encontrasse. Você não vai entender se eu explicar demais, e a gente nem tem tempo pra isso. O que você precisa saber é o seguinte: África do Sul. Não vale a pena. Eu sei que não parece fazer sentido. Mas vai fazer, um dia. Você vai ser convidado a se mudar pra Joanesburgo. Não vá. Tem país pra burro pra conhecer, lugar que você nem sabe que existe mas vai descobrir se abrir um mapa e olhar as letras miúdas. Só evita a África do Sul, mesmo que te pareça uma boa.

Por que você tá me dizendo isso?, pergunto, primeira vez que abro a boca. Estranho ouvir a melodia da minha própria voz.

Os motivos. Taí o problema. Lembra que falei que se explicasse não faria sentido e não daria tempo? Mesma coisa aqui. Só guarda isso. África do Sul.

Ele some, e não é como se eu piscasse ou olhasse pro lado. É um passo depois do outro e então passo nenhum.

Na frente da padaria onde tomo café da manhã, outro homem olhando as horas, o mesmo jeito. Mas só tem um braço. Ele diz

Rodrigo

e me acompanha.

Já te falaram pra não ir pra África do Sul? Pois é. Tem outro problema, alguns anos pra frente. Escócia. Evite a todo custo. Não há nada por lá que valha a pena.

E você não pode me contar os detalhes, presumo?

Isso mesmo, ele diz, e desaparece.

Na esquina do meu prédio, outro homem checando o relógio. Esse de tapa-olho.

Rodrigo, o Vietnã

e mais nada.

Quando entro no apartamento, vejo um homem de cadeira de rodas terminando de escrever um bilhete sobre a mesa, a pulseira do relógio tão folgada que daria três voltas no pulso cadavérico, as duas pernas acabando em cotocos na altura dos joelhos. Ele nem tem tempo de me olhar. Mas eu já conheço o rosto. Desaparece.

Pego o bilhete.

"Vá de uma vez pra África do Sul. Ignore o resto."

Santiago Santos

É escritor e tradutor. Escreve minicontos no flashfiction.com.br e tem dois livros publicados: Algazarra (Patuá, 2018), uma compilação de minicontos, e Na eternidade sempre é domingo (Carlini & Caniato, 2016), uma aventura pé na estrada que entrecruza a história e a mitologia dos incas, além da noveleta de piratas espaciais Hei, hou, Borunga chegou, na revista digital Mafagafo (2020). Já publicou ficção em antologias, jornais, blogs e revistas. Vive em Cuiabá desde moleque, onde toma tereré o dia todo.

Sérgio de Carvalho Rodrigues
É de Caxito e nasceu em 1987. Reside na Ingombota, onde estudou Língua Portuguesa e Comunicação pela UMA. Mestre em Estudos Didáticos, Culturais, Linguísticos e Literários pela UBI, é doutorando em Literatura pela Universidade de Évora. A dedicação à criação literária norteou a sua trajetória académica. Técnico sénior do Ministério da Educação, professor e pesquisador, o escritor publicou no Cultura, Jornal Angolano de Artes e Letras e noutros periódicos. Colabora na Editora Alma Azul pela qual tem poemas na Antologia Poesia da Língua Toda (no prelo), que celebra a língua portuguesa. Publicou A Oratura na Literatura Angolana: O Conto, a Lenda e a Poesia (2019).

O MAR, O CÉU E NÓS

Por mais que nele chova a água doce,
Nunca o mar deixa de ser salgado,
Jamais o mar transborda.

Por mais que nele chova e os rios nele vão dar,
Nunca o mar deixa de ser salgado,
Jamais o mar transborda.

Tem a cor do céu,
Porém mais cor do que o céu,
Ou será o céu que tem a cor do mar?
Mais cor do que o mar, até.

A verdade é que o céu e o mar têm a cor um do outro.

A cor é nenhuma,
Pois aprendi que o mar é imensa água com alma.
A cor da alma é nenhuma,
A cor da água é nenhuma.
O céu é imenso ar com alma.
A cor da alma é nenhuma,
A cor do ar é como a cor do mar.

Somos nós o céu,
Somos nós o mar.

A água que desce do céu
É a água que sobe para o céu,
A água que sai do mar
É a água que volta ao mar.

Nossa boca traz o ar do céu
E nossos olhos a salgada água do mar.

Stéfanie Sande
É escritora e doutoranda em escrita criativa na PUCRS, autora dos romances "O último verso"e "Virgínia".

PALAVRA-CHAVE

I

Há uma imagem
de um século atrás
sobrevivente das eras
da minha vigésima oitava
primavera até outras
mais

II

chipe
registro
orgânico
inorgânico
substituição
renovação

III

em algum momento no tempo
todos sentaram em um quatro
de hotel e beberam solitários
vodka whiskey sempre algo
amargo

IV

memória
gigabyte
terabyte
limites
limitless

V

os corpos de antes gritavam
por todo tipo de exagero
depois de comidos devorados
na boca — o ácido
vomitado

VI

persona
singular
igual
igualdade
singularidade

VII

em algum momento
do século passado
bebi vodka pura no quarto
e chorei meus vinte e oito
puros

VIII

palavra-chave
domingo
idade
perdido
achado
escrito

IX

para qualquer problema
solução seja lá o que acontecer
você aperta o off
and then it´s gone

X

palavra-chave
singular
depois
singularidade

Thiago Costa
É historiador. Faz doutorado em Estética e História da Arte pela USP. Autor de "O Brasil pitoresco de J.B. Debret ou Debret, artista-viajante" (RJ, 2016) e organizador – ao lado de Ariadne Marinho – de "O jardineiro de Napoleão. Alexander von Humboldt e as imagens de um Brasil/América (sécs. XVIII e XIX)" (Curitiba, 2019). Docente do IFMT – *campus* Fronteira Oeste/Pontes e Lacerda.

Moveu-se. Três centímetros. Três milímetros de centímetro. E afundou. Águas brancas, mornas, como o leite. A espuma. Cobrindo os poros. Preenchendo as feridas na pele. Engolindo os braços, as narinas, o pensamento. Sem pressa. Deslizava pelas enormidades. Errante. Desprendido do tempo. O tempo, amplo. Cheio de eternidades, de fissuras, se acumulando. Carcomendo. Os corpos, os ossos, os templos antigos. Velhice antiga. O pó. Caminhava. Flutuava. Nuvens brancas de gordura, horizontes largos, extensões sem fim. Sóis infinitos se derramando sobre o céu. Luzes brancas amarelentas no firmamento. No espelho. Lentas explosões de estrelas distantes. O mundo se expandindo. O espaço. O intangível. Círculos de fumaças cristalinas. Diamantes raros que podia tocar com as mãos. Lençóis de seda. Brancos. O vento agitava as cortinas na janela. A tarde agoniava nas paredes riscadas de sol. Sombras nos cantos úmidos do quarto. Bolor. Teve um espasmo. Branco, mudo. O gozo. Borrões descorados no colchão. Abriu os olhos. Manchas esbranquiçadas no ar. Suspensas na retina. Suspirou. Cheiro de pão. De pão fresco. Em vastos campos de centeio e trigo. Acordou com fome, encharcado pelo suor, com ideias de concepção. Sonhara. O terreno sob seus pés fendia e o tragava com uma boca de dentes furados para dentro de entranhas calcinantes e caía e ardia na imensidão rubra de barro e enxofre, formações de rocha e poeira ancestral, plenas de fecundidade, o ventre, sem fundura, as carnes se partindo e diluindo e se misturando às cerrações do interior do centro da Terra. Acordou febril. Respirava pela boca, com dificuldades, roncava. Sentiu um gosto amargo, vontades de vomitar. O peito e o chão vomitados, vômito seco, moscas em torno, fedor. O ventilador rangia devagar pendurado no teto. É tardezinha, pensou. Cores do ocaso rodopiando no estirão até as bordas do fim do mundo. Adiante era a noite. Limpou-se com as mãos. Tentou levantar. Remoinhos. Fadiga. Curvou-se. Sentou na beirada da cama. Nu, cicatrizes na pele morena, marcas do trabalho pesado. Dia quente. Tinha frio. Acendeu o cigarro, tremia, tornou a deitar. Fumava olhando para o teto, as espirais fumarentas que subiam e se espalhavam na atmosfera. Pensou no fim. No momento derradeiro. Tinha fixações para os assuntos da morte. Viu muita gente morrer. De malária, de punhal, de bala no peito. De morte matada, de morte morrida. Não sentia medo. Imaginava como seria. Na traição por umas quantas pepitas douradas ou pela força da febre terçã. Nove vezes contraíra sezão. Quando criança o pai morrera à sua frente com golpes de foice. E o sangue corria abundante. Nunca parou correr. Lembrou das covas e enterros que ajudou a preparar. Os companheiros em silêncio, a fogueira no quintal para aclarar a madrugada e aprontar o café, a ladainha das crianças e dos parentes próximos. Suspirou, respirou profundo. Cobriu a cabeça com os lençóis brancos sujos. Ondulações, regurgitações. Ânsias que nasciam por dentro de si. Levantou. Recolheu os frascos de vidro vazios de cima da mesa. De perfume e destilado. Teve enjoos, salivações. Sentimento de contrações adstringentes na garganta, no estômago. Foi ao banheiro. Lavou-se demoradamente. Fez a barba. Cortou as unhas. Abriu a maleta de viagem onde guardava as roupas e escolheu seu melhor traje. Vestiu-se com cuidado. Anéis, pulseiras, correntes. Estava em Cuiabá há menos de mês. A capital de um país bem conhecido. Vinha do Norte, daquelas regiões de

garimpo e picada grande. Chegou carregado de ouro, de pedras preciosas, em busca de farras e divertimentos. Gostava das noitadas. Queria penetrar o mundo. Queria habitar o interior das noites de noite grande. As noites de bailão. De arrasta-pé e cachaça. Lugar de ocorrência de ritos orgíacos, blasfêmias, profanações. Torpor. Na cidade tinha puta boa. Moças novas. Bonitas. Experimentadas no manejo das veleidades dos prazeres masculinos. As raparigas riam da vida como se a vida fosse de alegres fantasias felizes. Enganadoras. De batom e maquiagem, perfumadas de um perfume doce. No garimpo era diferente. Mata alta, bichos, doença. Só a casa da mãe de deus, a puta, o castelo de Deusa, no meio do caminho. Os homens bebiam e riam e beijavam Nem, filho de Deusa, travestido, viado. Casa de almas sebosas. De putas anciãs de idades superiores a cento e cinquenta anos, sabedoras dos segredos das poeiras dos longínquos povoados esquecidos e dos segredos dos homens que partiam para as distâncias e morriam sozinhos na batida do ouro, nos barrancos de selvas ignoradas. Segredos de antes dos homens. E todos os segredos da vida e da morte. Essa era a sina do garimpeiro. E ele logo subiria de novo aquelas serras feridas, violando o chão bruto atrás de riquezas. Passava mil dias afastado, atocaiado no meio da floresta, com água enlameada até os ombros. Olhos atentos, mãos ágeis, músculos fortes. A pedra que fulge igual estrela, brilha mais que os sonhos da vida da gente. Acendeu outro cigarro. A janela aberta como as pernas abertas de uma donzela amante. Prometedoras. Por detrás das cortinas o céu enegrecia. Pegou a velha garrucha que trazia consigo do tempo de picadeiro e verificou o cão e o tambor de seis tiros. Apertou o gatilho duas vezes, tic-tic, berro oco, sem munição. Catou dois projéteis e carregou a arma com calma, ocultando-a por baixo da camisa branca de algodão. Apanhou a sacola de couro que guardava na mala e conferiu os valores que restavam. A pequena fortuna tirada das aluviões do Mato Grosso. Escasseava. Precisava voltar. Juntar outro punhado do metal amarelo mais valioso que existia. E então ressurgir, rei e senhor de tudo, dos seres e das coisas, dono de alqueires infinitos, de fazendas e boiadas intermináveis, do tamanho das profundezas dos mares e oceanos mais profundos, rufião de concubinas mandadas buscar na antiga Babilônia, em Sodoma e Gomorra, no esconderijo secreto das guerreiras Amazonas, para adornar um castelo construído com tesouros de Alexandria, incalculáveis, atemporais, de paredes feitas com jade, com quartzo-rubi, esmeralda, âmbar, musgravite, opala, pérola e ouro puro. Guardou a sacola no bolso da calça e caminhou para fora, passou pelo corredor, desceu as escadas. Deixou a chave do quarto na portaria do hotel e saiu para as ruas de asfalto sulcado. Um rio de águas morosas, escuras, tendia ao seu redor. Parou de repente para observar as luzes do semáforo, intermitentes, amarelo, vermelho, verde, os carros, as carroças, os animais imundos. As estrelas, o céu. No rio, dragas que sugavam a areia sob a água poluída durante o dia. À noite, sob as sombras, eram aberrações que adormeciam. Imaginou os cursos acima que seguiria em breve na direção do baixão velho. Correntes famintas, negrumes abissais. Trilhas misteriosas que conduziam para paragens arcaicas, lonjuras remotas. Caminhos para o retorno. Coçou a cabeça. Breves excitações, inícios de ansiedades. Fumava. Tinha fome. Faminto de mundo. Sorriu. Um destino inevitável, ainda por cumprir.

MEMÓRIAS

(Em memória de Francisco Cassundé Ferreira)

É seu moço, a vida teve sobressaltos, aperreios, sofrimento e lágrimas. Ôxe! E como! Só porque sou macho não tenho direito a um xororô? Pois eu lhe digo, cabra: Deus tirou meu colo aos sete anos! Desde então fiquei sem pai nem mãe, eu e mais nove irmãos . Os mais velhos, logo se largaram no mundo. Pedro mesmo, não se sabe se é vivo ou morto; se deixou descendência, ninguém sabe. Ouvimos dizer que foi pr'os lados da Amazônia, atrás de trabalho nos seringais . Nunca mais deu notícias. Quanto a mim, fui criado na casa das irmãs mais velhas e dos cunhados. Mas depois que servi o exército logo arrumei um lugarzinho num pau de arara para o sudeste maravilha. Fui morar com um sobrinho no Rio de Janeiro - Luiz, filho de "nieta", casada com Raimundo Silvino. Ele mesmo não ficou não. Rumou de volta pro Cariri. A saudade era tanta, seu moço! Mas São João não me deixou arrefecer, - nem meu Padim. Aliás, lembro de uma festa de São João. Lembro como se fosse hoje. Sem nem um bocado de alfinim amufambado em casa, fui pra rua ver o povo cantar e dançar. Entao olhei para a imagem dele e supliquei - valha-me meu São João ; levantei do banco agoniado e tomei o meu beco , olhando para os sapatos. Não andei muito e encontrei um bom dinheiro jogado no chão! Eita que foi o melhor São João que passei na vida! Estudei um bocado e logo arrumei trabalho. Fui contratado pela Porto Seguro. Trabalhei uns bons anos lá. Minha família, embora sem muitos recursos, era muito procurada por políticos na época de eleição - boa de voto! Então um político do meu estado me indicou para um cargo na Receita Federal. Era no governo do Getúlio. E não é que fui nomeado? A sorte e a proteção de São João e meu padim sempre me acompanharam, além do mais, nunca fui homem de rejeitar trabalho! Naquele tempo não precisava de concurso não; mas nem por isso deixei de cumprir minhas obrigações. Após a nomeação para a Receita Federal me mandaram para o Mato Grosso [- uma lonjura de dar medo], pra fazer um estágio. Ainda não tinham dividido o estado e o Mato Grosso era bonito de ver. Na Receita, trabalhava uma morena de olhos agateados. Arengueira que só! Eita que fiquei foi arriado logo que a vi. Era moça de família tradicional, sobrinha e neta de políticos locais. Pois não é que a minha estrela brilhou de novo? Casei com ela e tivemos três filhos - uma menina e dois moleques. Com a divisão do estado, decidimos criar nossos filhos em Campo Grande, sabe como é , estado novo, mais oportunidades. Vivemos juntos quase 60 anos , na verdade, 59 anos e 8 meses. É arretada a morena, mulher de fibra, pantaneira de Mimoso, distrito de Santo Antônio do Lewerger. Trabalhamos juntos na Receita e assim criamos nossos filhos. Eles cresceram, formaram-se e os meninos se casaram. Sempre que encontrava alguém conhecido que perguntava por eles dizia , todo pabo, que formei os três - minha filha é advogada e pós graduada, meu filho mais velho, engenheiro civil e meu caçula se formou em farmácia e bioquímica. Vivi quase noventa anos, honrando a fama de bom humor de todo cearense. Mas se chegava numa casa qualquer e não ouvia o barulho de panelas na cozinha me lembrava logo dos tempos de penúria. Fui feliz. Nunca me afastei de meus princípios. Não esqueci de onde vim. Embora tenha demorado muito para voltar ao Ceará, quando lá estive , quase 50 anos depois de minha partida naquele pau de arara, fui ao Juazeiro visitar meu padim e agradeci a ele tudo o que me ajudou a construir. Hoje voltei para a casa do Pai. É, seu moço! Foi uma longa caminhada! Fácil não foi não; mas consegui vencer! Eita vida pai d'égua!

Walesca Cassundé
Nome literário de Walesca de Araújo Cassundé, cuiabana, residente em Campo Grande-MS. Formada em direito pela FUCMT. Advogada por opção e criminalista por vocação. Poeta por catarse, libertação física e purgação espiritual. Em março de 2017, lançou "Confissões Essenciais", pela Ed. Gráfica Ruy Barbosa.

CONTEMPORARTE

Maristela Carneiro
Maristela Carneiro é Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – PPGECCO/UFMT. Docente da Faculdade de Comunicação e Artes – FCA/UFMT, é Mestre em Ciências Sociais e Doutora em História. Co-Líder do Grupo de Pesquisa ContemporArte. Dentre seus interesses, destaque para Estudos de Gênero, Feminismos, Artes e Cultura Visual, Pensamento Decolonial e Epistemologias do Sul.

TEMPORAIS

Não é novidade afirmar que aquilo que conhecemos por "verdade" se esparrama em uma cadeia infinita de variadas, por vezes conflitantes, narrativas. Todavia, diante do maremoto de fake news que diariamente nos assola, esse caráter disperso e nebuloso do real se coloca cada vez mais em questão. Os debates sobre "pós-verdade", por exemplo, abrem espaço no meio jornalístico e no linguajar dos noticiários e, consequentemente, adentram e movimentam nossas linhas do horizonte, trazendo consigo a possibilidade de que a realidade seja, afinal de contas, uma elaborada ficção. Como uma colorida matrioska, uma história guarda outra dentro de si, que por sua vez abriga infinitas outras em seu interior aparentemente insondável.

Existe, certamente, uma realidade material, mas ela é tão incompreensível pelos nossos sentidos quanto o tempo. O tempo talvez seja a primeira de todas as grandes ficções: quantas de nossas histórias mais persistentes não se iniciam com o "era uma vez..." para designar um outrora não-específico? Inventamos a palavra "passado" para englobar tudo que já aconteceu e "futuro" para descrever o que jamais alcançaremos. Entrementes, a mais fugaz das três ficções é o "presente", tomado para designar algo fixo, ainda que não exista em um estado sólido: o fluxo do nosso existir, deslocando-se precariamente, é um frágil barco de papel que vagueia entre tempestuosas águas doces e salgadas, de passados e futuros, igualmente difusos.

A realidade não é, portanto, uma única ficção, mas uma rede de ficções. Para além do tempo, a geografia: não é o globo algo mais semelhante a um pedregulho viajando pelo espaço que a uma esfera perfeitamente lisa? E quanto aos países e cidades? Certamente não são evidentes na natureza dura do mundo: são ficções, compostas de outras ficções – línguas, pratos típicos, ornamentos e celebrações. Mesmo o que é visivelmente existente, no relevo da terra aparentemente plana, adquire, ao nosso olhar, sentidos simbólicos e estéticos complexos: aquela montanha é um gigante que

se sentou e nunca mais se ergueu; aquele rio é uma deusa que se desfez em lágrimas; o ouro é o esterco dos deuses; a mulher sofre as dores do parto porque sua mais remota ancestral empurrou o homem para o pecado.

O que, aliás, nos leva à arte, uma das maiores tecelãs de ficções. Com suas narrativas, ela nos afeta, nos conforma, nos move. Se já evidenciamos que "realidade" não é antônimo de "ficção", ficção também não é sinônimo de "mentira" ou "faz-de-conta". Toda ficção reflete uma percepção do real, tanto pelo que mostra quanto pelo que omite. Os valores que um autor expressa, seja pintor, cineasta, romancista, assim como os que condena, refletem sua percepção da realidade. Movimentos artísticos em suas longas durações, por sua vez, dizem muito a respeito das sociedades que os produziram.

O movimento surrealista, nesse viés, filtrou por meio de suas tintas o individualismo e consequente ensimesmamento burguês do início do século XX que, desencantado com a dureza das revoluções liberais e da Primeira Guerra Mundial, voltou-se para a mistificação da mente, a presumida interpretação dos sonhos, a erotização e a sacralização do mundo. Freud explica. Não obstante, como tantas outras políticas autorais no mundo das artes, o surrealismo não se isentou de ser majoritariamente masculino em sua composição – portanto, sexista. É impossível ao olho atento não notar a objetificação dos corpos femininos nas obras de homens como Salvador Dalí, Luis Buñuel e René Magritte.

Também é fundamental observar que os principais núcleos surrealistas estavam situados na França e na Bélgica, nações europeias que conduziram algumas das formas mais violentas de colonialismo. Homens europeus, brancos e privilegiados, nascidos em condições socioeconômicas favoráveis, em uma parte do mundo que ditava tendências artísticas para os mais diversos cantos remotos do globo. Como disse Linda Nochlin, em meados da década de 1970, não houve um "grande tenista esquimó" pelo simples motivo de nenhum esquimó ter sido acesso até então aos conhecimentos e dispositivos necessários para a prática do esporte.

Torna-se útil então olhar para a revolução dentro da revolução, a vanguarda que nos sonda de dentro da vanguarda. O surrealismo de Leonora Carrington e Remedios Varo é uma insurreição estética dentro do levante surrealista. Aliada ao realismo fantástico de Frida Kahlo, cujo olhar os surrealistas europeus tentaram cooptar para si, sem êxito, essa revolução é uma subversão poética feminina (feminista?), em terras americanas, no bojo de um movimento que já era, em si, transgressor em relação à tradição artística europeia: uma hegemonia dentro da hegemonia?

Munidos dos dispositivos que o contemporâneo nos ofertar, sondemos os olhinhos da colorida matrioska, talvez oblíqua e dissimulada, e estejamos atentos ao que ela silenciosamente desvela. Uma narrativa dentro de outra. Uma estética dentro de outra. Narrativas paralelas e simultaneamente sobrepostas e interpenetradas. Poéticas interseccionais. Tempos contemporâneos dentro de múltiplos tempos. Temporais.

HALUHALUNEKISU, A ÁRVORE DO SABER

Anna Maria Ribeiro Costa
É doutora em História pela UFPE e Professora do Univag. Chegou às terras do povo indígena Nambiquara na Primavera de 1982. Dos índios recebeu o nome Alusu, por conta de seus hábitos alimentares. Nessas terras, conheceu José Eduardo, com quem tem dois filhos: Theo e Loyuá. Vem se dedicando aos estudos sobre os povos indígenas de Mato Grosso, com especial atenção ao Nambiquara.

O ROUBO DO MACHADO DE PEDRA

Na aldeia, os trabalhos agrícolas paralisaram por falta do machado de pedra. Dois irmãos do grupo Siwaysu, também conhecidos por Manduca, tomaram coragem e foram até à aldeia de gentes bravas que comiam gentes. Eram também os donos dos machados de pedra. Com seus arcos e flechas, caminharam, caminharam, caminharam até que próximos à aldeia, gritaram para anunciar que estavam chegando.

De longe, os comedores de gentes começaram a atirar bolas feitas de leite de mangaba para que os recém-chegados as agarrassem, sem que as deixassem cair no chão, como anunciado. Caso os visitantes não conseguissem agarrá-las, seriam comidos. Ainda que velhos, os irmãos ágeis passaram a maior parte do dia a se jogar em todas as direções, assustados com seus destinos.

O sol deixou o dia. Uma mulher saiu de sua casa. Os homens comedores de gentes pararam de atirar bolas na direção dos visitantes. Um dos irmãos Manduca aproveitou e com força arremessou uma das bolas no peito da moça. A pancada da bola jogou-a ao chão, causando sua morte. Os comedores de gentes entraram na casa de onde saiu a moça. Lá ficaram. Em silêncio. Os irmãos Manduca entraram na casa. Pegaram uma grande quantidade de machados de pedra, tão cobiçados.

De volta, os velhos e corajosos irmãos distribuíram machados de pedra para os homens de todas as aldeias. Depois da morte dos irmãos Manduca, ninguém teve coragem de roubar machados de pedra.

PIÉ
REVISTA LITERÁRIA